

tempo e presença

Publicação de KOINONIA • Nº 289 • Setembro/outubro de 1996 • R\$ 3,00



SALVAÇÃO E CULTURAS

uma abordagem
ecumênica

TEMA PERMANENTE

Salvação tem merecido cuidado constante desde que a humanidade passou a cogitar sobre o sentido da vida. O relacionamento do tema com as diferentes culturas torna-se cada vez mais evidente, na medida em que não se deseja impor os parâmetros culturais dos que detiveram certo monopólio do conceito de salvação. Apesar da amplitude do entendimento da salvação, incluindo certas perspectivas seculares, observa-se que, mesmo assim, por trás desses conceitos, há sempre certo lastro religioso.

Durante todo o século XX houve preocupação permanente das igrejas cristãs em debater o significado da evangelização ante os diversos contextos culturais. Para aprofundar a questão foram realizadas muitas conferências ecumênicas mundiais, destacando-se, entre elas, a Conferência de Edimburgo, em 1910, importante semente do movimento ecumênico da era moderna. Nesta edição brindamos os leitores com um interessante retrospecto desses intensos momentos de avaliação e aprofundamento do sentido da missão cristã num mundo culturalmente diversificado. Apresentamos também um conjunto de reflexões que enriquecem sobremaneira o diálogo sobre questão que afeta a todos, religiosos ou não.

Inicialmente faz-se um retrospecto do sentido das primeiras pregações salvacionistas em nosso país reconhecendo-lhe as suas ambigüidades e até certos aspectos perniciosos que lhes eram inerentes, como um desprezo quase absoluto pelas formas religiosas ameríndias e africanas. Indica-se também que a temática da salvação está no cerne do ministério de Deus e é graça dirigida à integralidade de todos os seres humanos. A modernidade trouxe ainda outros aspectos para o entendimento da salvação, expressados em velhos e novos mitos, como a noção de progresso, as revoluções sociais e mais recentemente o mercado total.

A Reforma Protestante do século XVI ofereceu questionamentos à forma tradicional cristã de se entender a salvação. Atacou o cerne da questão: Como pode alguém apropriar-se da salvação? Negou o poder mediador da Igreja e estabeleceu

o princípio da autodeterminação e da liberdade. No decorrer da História diversas concepções teológicas foram se consubstanciando no complicado mosaico das igrejas protestantes, com indicações de diferentes vias de salvação. A corrente protestante denominada de evangelical, ao mesmo tempo que reconhece a universalidade do Evangelho, proclama que ele só é eficiente para os que se arrependem e crêem em Cristo.

Análise mais ampla da doutrina cristã da salvação argumenta que ela deve ser entendida e fundamentada em três princípios: é um dom de Deus, é universal e se dá de forma espiritual. A salvação não pode estar ligada a qualquer expressão determinada da verdade, a qualquer observância religiosa ou mesmo a certos comportamentos estabelecidos por lei. Para orientar o diálogo do Cristianismo com as culturas devem ter-se em conta as formas históricas efetivamente assumidas pela salvação cristã.

Hoje aparecem outras alternâncias para a salvação que não têm, de forma tão evidente, um lastro religioso. Vivemos o momento da informática. Através da Internet estamos no mundo todo. Como Deus, ela está em toda parte. Cobra um pacto: comprar um computador e exige uma conversão quase mística: aderir. As nossas almas estão salvas porque têm acesso ao mundo da computação e do mercado. Há ainda outras formas sedutoras apresentadas como alternativas de salvação.

Com o lema "Chamados a uma mesma esperança: o Evangelho em diversas culturas", representantes de mais de trezentas grandes igrejas de todas as partes do mundo, em Salvador, Bahia (novembro e dezembro de 1996), vão enfrentar questões muito candentes tais como o diálogo inter-religioso entre cristãos e as religiões populares secularmente oprimidas e subordinadas pela cultura religiosa cristã hegemônica; o papel da cultura ocidental cristã e sua responsabilidade pelas calamidades do colonialismo, do desastre ecológico e da erosão da dignidade humana da maioria dos povos do planeta.

SUMÁRIO

Salvação

- 5 A REALIDADE MISTERIOSA
Jorge Atílio Iulianelli e
J. Bittencourt Filho

Protestantismo

- 11 VIAS DA SALVAÇÃO
NA TEOLOGIA DA REFORMA
Antonio G. Mendonça

Catolicismo

- 16 GRATUIDADE, UNIVERSALIDADE
E ESPIRITUALIDADE
Francisco Catão

Movimento evangélico

- 23 CULTURA E JULGAMENTO
Robinson Cavalcanti

Candomblé

- 26 CULTURA E SALVAÇÃO: O PONTO
DE VISTA DO POVO DE SANTO
Ordep Serra e Marina Martinelli

Alternâncias

- 28 ARDIS DE SALVAÇÃO: DE BABEL
AO BELELÉU!
Paulo Botas

Ecumenismo

- 33 EVANGELHO E CULTURA: TENSÕES
E DESAFIOS EM SALVADOR
Zwinglio Dias

CONFERÊNCIAS ANTERIORES
A SALVADOR: DADOS HISTÓRICOS
Luiz Longuini

América Latina

- 39 50 ANOS DE HISTÓRIA
Newton Carlos

Rubem Alves

- 42 SEM CONTABILIDADE

Bíblia hoje

- 44 ULTRAPASSANDO FRONTEIRAS:
ECUMENISMO NO EVANGELHO
DE MARCOS
José Adriano Filho

Resenha

- 47 NAS VEREDAS DA NOSSA
CULTURA
Rafael Soares de Oliveira

SALVAÇÃO — DIÁLOGO DE HOJE E DE SEMPRE

Tempo e Presença aborda, neste número, uma questão presente na humanidade em todas as épocas e culturas — a da salvação. Ela é analisada sob diversas perspectivas, quer religiosas ou seculares. É uma contribuição de Koinonia à XI Conferência Mundial sobre Missão e Evangelização que se realizará em Salvador, Bahia, novembro-dezembro, de 1996. Esta revista é para ler, debater e guardar.



Símbolo da Conferência Mundial de Missão e Evangelização, a ser realizada em Salvador, em novembro/dezembro deste ano

Teológica e secular – A riqueza e os mistérios da salvação têm sido abordados, em todos os tempos, sob os mais diversos aspectos. Muitos analisam a salvação relacionando-a com as diferentes expressões religiosas, mas o impacto da modernidade acrescentou outras inovações na compreensão da salvação. 5

Autodeterminação e liberdade – Os reformadores protestantes enfrentaram a questão de como alguém pode apropriar-se da salvação. Na história do pensamento cristão pode-se visualizar algumas vias para se chegar à salvação. 11 e 23

Universal e gratuita – Ligar a salvação a qualquer expressão determinada da verdade, a observâncias religiosas e também a comportamentos estabelecidos por leis acabaria transformando-a num imperialismo cultural e restringindo-lhe a concepção. 16

Romper o círculo – Os cultos afros contestam que a idéia de salvação seja um bem exclusivo do Cristianismo. No Candomblé está ligada às fontes da criação e ao retorno às origens. 26

Alternâncias – No decorrer da História têm aparecido propostas da salvação por meio de projetos políticos, e de sistemas ideológicos, etc. Agora proclama-se que no mercado está a salvação. Também temos a salvação pela Internet que se propôs colocar as pessoas no mundo todo, com todos e com tudo. Onde vamos parar? 28

Enfrentando desafios – O movimento ecumênico sempre foi inspirado por duas agendas: a da realidade social e a eclesial. Memoráveis encontros internacionais debateram a questão da evangelização e da cultura. Em Salvador, Bahia, uma conferência mundial vai discutir o papel do Evangelho em relação às diversidades culturais, no próximo novembro. 32

tempo e presença

Revista bimestral de KOINONIA
Setembro/outubro de 1996
Ano 18 - nº 289

KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço

Rua Santo Amaro, 129
22211-230 Rio de Janeiro RJ
Telefone (021) 224-6713
Fax (021) 221-3016
E-mail koinos@ax.apc.org

Rua dos Pinheiros, 706 casa 6
05422-001 São Paulo SP
Telefone/fax (011) 280-7461

CONSELHO EDITORIAL

Carlos Alberto Messeder Pereira
Emir Sader
Ivone Gebara
Ivoni Reimer
José Oscar Beozzo
Jurandir Freire Costa
Leonardo Boff
Maria Emília Lisboa Pacheco
Sérgio Marcus Pinto Lopes

CONSELHO CONSULTIVO

Carlos Rodrigues Brandão
Luiz Eduardo Wanderley
Maria Luiza Rückert
Paulo Ayres Mattos
Rubem Alves

JORNALISTA RESPONSÁVEL
Magali do Nascimento Cunha
MTb 011-233

EDITOR

Jether Pereira Ramalho

EDITORES ASSISTENTES

Magali do Nascimento Cunha
Paulo Roberto Salles Garcia

EDITORA DE ARTE E DIAGRAMADORA

Anita Slade

REDATOR

Carlos Cunha

DIGITAÇÃO

Mara Lúcia Martins

CAPA

Martha Braga

PRODUÇÃO GRÁFICA

Supernova

FOTOLITOS

Graftex

IMPRESSÃO

Clip

Os artigos assinados não traduzem necessariamente a opinião da Revista.

Preço do exemplar avulso
R\$ 3,00

Assinatura anual
R\$ 18,00

Assinatura de apoio
R\$ 25,00

Assinatura/exterior
US\$ 50,00

ISSN 0103-569X

Ao Pastor Renato Augusto Kühne

Igreja Evangélica de Confissão Luterana de Brasília

Tenho o prazer de enviar, em separado, uma coleção da revista TEMPO E PRESENÇA...

A presente remessa se deve ao fato de estar desativando meu escritório em Curitiba (...) Desejo deixar registrado que minha atuação como professor universitário, como parlamentar, como membro de governos em Curitiba e no Paraná, e mormente como cidadão, tiveram marcas que foram auridas em leituras de publicações como as mencionadas, o que me leva a crer na enorme utilidade que as mesmas terão para os membros dessa comunidade, principalmente aos jovens.

Adhail Sprenger Passos
Brasília/DF

Sou grato a vocês que fazem KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço pelo espírito fraterno e solidário que dirige o grupo. O incentivo que nos foi dado mostra a resistência da semente cristã aos desejos do capital, porquanto baseia-se unicamente no lucro. Encerro minha gratidão, desejando que o Senhor abençoe o grupo rica-

mente com a sabedoria que vem do alto.

Walter Costa Lins
Cavaleiro-GO

Estou enviando as dez fichas de assinaturas individuais de TEMPO E PRESENÇA (...) Espero estar contribuindo, assim, para a divulgação dessa publicação que considero tão relevante para o diálogo ecumênico na discussão das relações entre as Igrejas e o contexto sociopolítico, econômico e cultural.

Pr. Noé Stanley Gonçalves
Brasília/DF

Gostaria de esclarecer que, em primeiro lugar, o motivo que me levou a interromper temporariamente a assinatura da revista TEMPO E PRESENÇA, foi o meu curso de pós-graduação, iniciado em março de 1995, pela Fundação Escola de Sociologia Política de São Paulo.

Em segundo lugar, dizer que em momento algum a publicação deixou de me agradar, muito pelo contrário, foi neste período que eu percebi o quanto ela poderia me ser útil, e o foi mesmo, principalmente como fonte de pesquisa para os trabalhos que necessitei elaborar para as várias matérias do curso.

Em terceiro lugar, dizer que após a conclusão do curso, em junho de 1996, estou retomando o meu diálogo com vocês e da minha alegria ao renovar a minha assinatura.

Edson Bastos
São Paulo/SP

Mais uma vez, parabéns. A forma como TEMPO E PRESENÇA vem acompanhando, divulgando e incitando a formação da cidadania e conscientizando os brasileiros da necessidade de participar do processo político, defendendo, fiscalizando, exigindo e garantindo seus direitos, só tem a contribuir para que nossa sociedade evolua, tornando-se mais igual, justa e civilizada.

Gostaria de parabenizar o Sr. Rubem Alves pela forma simples, concisa e bela como escreve.

Marcos José Rodrigues da Silva
Salvador/BA

Gostaria de parabenizar a equipe pela qualidade das matérias e dos colaboradores e agradecer o fato de a gente poder encontrar nela um subsídio para nossas reflexões.

Amador Outerelo Jr.
Brasília/DF

NÃO FIQUE SÓ NESTA LEITURA!

Quem assina TEMPO E PRESENÇA não só apóia uma publicação que apresenta análises dos mais relevantes temas da vida nacional e internacional sob os mais variados pontos de vista, mas também faz parte de uma comunidade de leitores que acreditam, se comprometem e lutam pela construção de uma realidade nova, democrática e plural. Não fique de fora! Apóie o trabalho de TEMPO E PRESENÇA e integre sua comunidade de leitores.

FAÇA AINDA HOJE SUA ASSINATURA ANUAL por apenas R\$18,00. Caso queira tornar-se assinante de apoio, envie-nos R\$ 25,00. Para o exterior; a assinatura custa US\$50,00. Remeta cheque nominal, recibo de vale postal ou recibo de depósito na conta Bradesco 15245-5 Agência 1745-0, para:

KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço, a/c Setor de Distribuição
Rua Santo Amaro, 129 Glória 22211-230 Rio de Janeiro RJ
Tel. (021) 224-6713 Fax: (021) 221-3016

A REALIDADE MISTERIOSA

Jorge Atilio Iulianelli e J. Bittencourt Filho

O conceito de salvação pode ser abordado sob diversas perspectivas. Está presente, no decorrer da História, nas diversas religiões e culturas. Como elemento central da mensagem cristã foi usado, muitas vezes, de forma coercitiva, autoritária e mesmo violenta, desconhecendo os valores culturais dos povos onde pretendia implantar sua visão religiosa. Atualmente, ampliando-se o conceito, correntes teológicas do Cristianismo já interpretam a salvação como dom humanizante do Espírito que se encontra presente e para além das expressões religiosas e culturais particulares. Entretanto, há também concepções secularizadas de salvação que ganham força na civilização industrial e tecnocrata. Este artigo introdutório ao tema central da revista abre perspectivas desafiadoras que vão ser desenvolvidas nas reflexões seguintes

Falai, pois, e agi como os que não de ser julgados pela Lei da liberdade, porque o juízo será sem misericórdia para aquele que não pratica a misericórdia. Mas, a misericórdia desdenha o juízo.
(Tiago 2.12s)

Onde está a Igreja nestes tempos de um novo genocídio? Onde a Igreja da ousadia do pensamento utópico? Para onde foi o Príncipe que primeiro viu que o mundo era redondo e anteviu o Paraíso Terrenal do Espírito Santo? Onde se queda o púber Rei que se joga e perece com toda a juventude portuguesa na batalha insensata, tão-só para nos dar a certeza de que este mundo é um encantado a desencantar: o sertão vai virar mar.
(Darcy Ribeiro)

São denominados *povos-testemunha* aqueles remanescentes que sobreviveram ao impacto das estratégias coloniais, sobremaneira os índios e os negros. No Brasil, os primeiros foram vítimas de um processo genocida que os reduziu drasticamente em termos numéricos. Os negros, a despeito da abolição da escravatura no século passado, nunca foram devidamente incorporados à sociedade brasileira. Assim sendo, engrossaram as fileiras dos marginalizados, as favelas e as populações carcerárias. Nesse quadro, uma reflexão que se queira ecumênica, a respeito da salvação cristã, não pode olvidar o papel nocivo de missões cristãs que aqui aportaram, associadas ao projeto colonial. Evidentemente, a marginalização desses povos implicou na desvalorização das crenças e expressões religiosas de-

les. Os negros, no intuito de sobreviverem à discriminação, forjaram práticas sincréticas. As crenças indígenas, por seu turno, diluíram-se na religiosidade das massas.

Na atualidade, ao falarmos sobre Salvação, devemos reconhecer os aspectos perniciosos e as ambigüidades da pregação salvacionista em nosso país. Tal pregação centrava-se na noção de autoria de São Cipriano, segundo a qual “fora da igreja não há salvação”. Disso decorria um desprezo quase absoluto pelas formas religiosas ameríndias e africanas. Ademais, nos primórdios da colonização tornou-se hegemônico um catolicismo guerreiro inspirado no messianismo lusitano e inclinado à usurpação etnocida. Esse cristianismo, em consequência da famigerada aliança entre “trono e altar”, foi responsável também pela formação da mentalidade das elites coloniais.

Vale mencionar que mesmo nessa época existiram segmentos minoritários que interpretavam a pregação do Evangelho como um encontro entre a mensagem cristã e os valores das culturas indígenas. A par disso, nos Quilombos, os negros assumiram o cristianismo católico como um fator de diluição das rivalidades tribais, ou seja, uma forma de coesão política a partir de uma religião única. Isso nos permite constatar a existência de projetos missionários alternativos ao da pregação alinhada ao colonialismo. Contudo, é preciso sublinhar que tais alternativas permaneceram minoritárias e pagaram um alto preço pela sua ousadia.

As missões protestantes aportaram no Brasil apenas em meados do

nós mesmos. Isso nos reporta à dimensão da gratuidade humana em resposta à graça divina.

Sendo a condição humana marcada pela fragilidade, nela persiste a pergunta pelo destino último. Isso decorre da irreversibilidade da morte, que se apresenta de muitas formas ao longo da existência e mesmo do cotidiano. Entrementes, persiste o desejo incontrolável de viver. Somente na dimensão transcendente, podem ser encontradas as respostas para esse dilema permanente entre o desejo de viver e as situações de morte que ameaçam constantemente. A essa situação-limite da condição humana, a mensagem cristã responde com o dom da salvação. Portanto, Salvação na perspectiva cristã é um desígnio de Deus atento à precariedade humana. Nessa condição faz com que, a despeito das muitas faces da morte, a esperança da ressurreição seja mantida como algo que ultrapassa os indizíveis sofrimentos da existência.

A condição humana é compreendida pela teologia cristã como estando irremediavelmente marcada pelo assim chamado *pecado original*. A salvação estaria vinculada, por um lado, à superação dele, e por outro à regeneração da criatura humana. É oportuno sublinhar que a liberdade humana pode rejeitar a proposta divina. Portanto, a salvação não é imposta, antes consiste num oferecimento amoroso; daí só pode realizar-se mediante uma livre e amorosa aceitação. A salvação é a pedra de toque da humanização, posto que o pecado é, por excelência, desumanizante. Com isso, a Encarnação restaura a verdadeira *imagem e semelhança de Deus* (Romanos 5.12-14; 1 Coríntios 15.21s, 45-49).

Em vista disso, pode-se afirmar que, essencialmente, salvação é humanização. O processo de humanização, por seu turno, comporta quatro dimensões: a pessoal, a social, a cósmica e a transcendente. Por conseguinte, a salvação atinge e afeta as

vivências de cada ser humano; as relações de solidariedade; a responsabilidade pela preservação da vida sob todas as suas formas; e a relação espiritual com Deus. Em todas essas dimensões, a pessoa humana pode negar-se a amar e a responder generosamente ao amor de Deus salvador. A salvação é essa realidade misteriosa da relação entre o amor absoluto e perseverante de Deus e a liberdade relativa da criatura finita.

A salvação brota no cerne mesmo do mistério cristão; ela é fruto do amor trinitário, e por isso expressa a mais perfeita comunidade. A salvação é comunicação *do Espírito no espírito* (1 João 3.12-14). Em virtude disso, os cristãos e cristãs são chamados a serem servidores da humanização. A salvação interpretada como dom humanizante do Espírito encontra-se presente e para além das expressões religiosas e culturais particulares. Entrementes, o Espírito, "que sopra onde quer", inunda a terra da graça salvífica. Todos os seres humanos, em todos os tempos e lugares, experimentam a possibilidade da resposta livre ao Amor.

A humanização é assim dom e tarefa para as comunidades cristãs. Elas, acompanhadas pela graça, res-

pondem aos desafios da humanização no mundo. Elas tornam manifesto Jesus, o Cristo, como caminho de salvação (João 14.6). Por isso, no contexto cristão a fé, o batismo e a comunidade eclesial são concebidos como resposta ao dom da salvação. A Igreja, por sua vez, deve ser servidora da humanidade, e não o contrário, como tem ocorrido com frequência no decorrer da História. Esse serviço se impõe como anúncio da salvação em Jesus Cristo e não justifica as costumeiras posturas autoritárias, dogmáticas e preconceituosas.

CONCEPÇÕES SECULARIZADAS DA SALVAÇÃO

O princípio de que o ser precede o agir implica numa crítica básica da história da religião, na medida em que ela é a história das tentativas do homem de salvar-se a si mesmo, bem como do fracasso resultante disso.

(Paul Tillich)

Entre outros elementos, o impacto da modernidade implicou em algumas inovações no ato de compreender a salvação. O forte caráter antropocêntrico e cientificista da modernidade ensejou as concepções secu-



CONFERÊNCIAS MISSIONÁRIAS ECUMÊNICAS

JERUSALÉM 1928 RELAÇÃO DO CRISTIANISMO COM OUTRAS RELIGIÕES

Temas debatidos:

- A mensagem cristã com relação aos sistemas não-cristãos de pensamento e vida
- Educação religiosa
- A relação entre as velhas e jovens igrejas
- A missão cristã à luz do conflito racional
- A missão cristã com relação aos problemas industriais
- A missão cristã com relação aos problemas rurais

- Cooperação missionária internacional

Pode ser considerada a segunda grande conferência mundial e um marco na transição para um processo de relativização da hegemonia euro-norte-americana na área das missões mundiais. Com o trabalho do Concílio Missionário Internacional, as Sociedades Missionárias não tiveram tanta influência na convocação que também foi partilhada pelos Conselhos Nacionais de Cristãos e Conselhos Regionais de Missão.

Dentre os delegados 70 eram representantes das "jovens igrejas" e entre eles 52 africanos e asiáticos representando suas próprias igrejas.

Em Jerusalém havia um mal que rondava o Movimento Missionário, chamava-se secularismo.

Perguntou-se, também: o que significa missão cristã e como poder-se-ia fazer missão em continentes não-cristãos?

Questionou-se ainda sobre a relação da Missão com a Igreja e da independência das "jovens igrejas".

A mensagem final da conferência rejeitou qualquer tipo de sincretismo e afirmou: "Nossa mensagem é Jesus Cristo. Não nos é permitido oferecer menos e não podemos oferecer mais".

larizadas de salvação. Houve uma quebra da perspectiva transcendental e da relação entre transcendência e imanência, com a conseqüente construção dos messianismos políticos e ideológicos. A salvação deixava de ser a irrupção da transcendência na imanência, do amor divino na história humana, e passava a ser a absoluta capacidade humana para o auto-salvamento.

Alguns mitos dos séculos XIX e XX são exemplos disso, como é o caso da noção de progresso, as revoluções políticas e, mais recentemente, o mercado total. A ideologia positivista e os darwinismos biológico e social inspiraram a fé na salvação por meio da ciência. Esta passou a ser concebida como "reinventora" da vida humana e, por isso mesmo, redentora da humanidade. Os tecnosacerdotes da civilização industrial tornavam-se assim os novos mediadores da salvação. Essa fé tem arrefecido em função das nefandas conseqüências da civilização científico-industrial, tais como a destruição ecológica, a possibilidade da aniquilação da humanidade e os eugenismos.

As revoluções políticas, por seu

A salvação interpretada como dom humanizante do Espírito encontra-se presente e para além das expressões religiosas e culturais particulares

lado, apresentavam-se como sendo capazes de instaurar o Reino de Deus na terra. Messianismos políticos sempre existiram no decorrer da História. Contudo, durante o breve século XX eles se apresentaram vinculados direta ou indiretamente ao comunismo. Para a América Latina, especialmente durante os anos de 1960, firmou-se a convicção da capacidade salvífica das revoluções. Apostou-se na construção de um tipo de socialismo alternativo ao realizado historicamente pela URSS. Acreditava-se na capacidade organizativa do povo como sendo instrumento absoluto de salvação. A crise do chamado socialismo real redundou no enfraquecimento desse messianismo.

Mais recentemente, surge a ideologia da salvação pelo mercado. O

novo dogma é "fora do mercado não há salvação". A capacidade auto-reguladora do mercado é exaltada como sendo capaz de administrar e solucionar todos os problemas humanos. Nessa concepção ele aparece como um ente todo-poderoso, senhor da vida e da morte, e apto a decidir quem deve estar incluído no banquete da vida (mercado de consumo) e quem não. Aos excluídos do mercado, a imensa massa de sobran-tes, resta a morte, porque são desnecessários e perigosos. A ideologia do mercado total é mais uma tentação idólatra. Diante dela, cabe aos cristãos afirmar diligentemente os valores do Reino e o anúncio do Deus da Vida.

UMA CONCLUSÃO

O homem não se constrói independentemente da graça. Esta não é uma realidade que chega no final de uma caminhada, mas a companheira íntima e inseparável de toda a rota humana.

(J. L. Segundo)

A qual condição humana corresponderia um discurso soteriológico ecu-

mênico? Até o momento, inexistente uma soteriologia ecumênica. A partir das condições atuais do discurso teológico, em face dos desafios do mundo contemporâneo às igrejas inseridas nas diferentes culturas, pode-se talvez pensar em alguns indícios para a solução desse problema. Considerando-se que a salvação é um serviço de Deus à humanidade, as condições atuais da humanidade convertem-se num desafio para as pessoas que se encontram a serviço da salvação. Tudo aquilo que constitui uma ameaça à vida do mundo é um clamor pela salvação que procede de Deus. Nesse particular talvez prevaleça o mesmo critério utilizado para dirimir outras questões igualmente delicadas, qual seja, aquele que afirma a precedência da práxis sobre as doutrinas, ou ainda, da ortopráxis sobre a ortodoxia.

O breve século XX apresenta muitos aspectos desafiantes para a vida humana. O balanço do alcance e dos limites de todas as “conquistas” do século está ainda por ser feito. Contudo, podemos destacar que o principal fenômeno do final deste século é a globalização, quer considerada em seu aspecto econômico, quer considerada em seu aspecto cultural. Economicamente acentua-se a contradição entre planejamento e liberdade do mercado, com enormes conseqüências para a reestruturação dos papéis dos estados nacionais. Outrossim, a conformação dos megaconglomerados internacionais encontra-se em contradição com as afirmações de nacionalismos e identidades étnicas abafadas no decurso deste século. Ademais, sabe-se que uma das conseqüências mais perniciosas da globalização é a exclusão social.

Tomada em seu aspecto cultural, a globalização tem significado a disseminação de uma cultura de massa. As críticas à indústria cultural e à cultura de massa estão feitas e refeitas. Mas, é impossível desconsiderar a tentativa de imposição cultural, por

Tudo aquilo que constitui uma ameaça à vida do mundo é um clamor pela salvação que procede de Deus

meio da mídia, a uma infinidade de seres humanos. Que resistem até certo ponto a essa cultura que se quer homogênea e homogeneizante. Como resultado desse processo de massificação temos o fenômeno da fragmentação das consciências, impedindo uma vivência plena da intersubjetividade e de uma compreensão envolvente de todas as esferas da vida.

CLAMORES

Retomemos a indagação: a qual condição humana, pois, responderia uma soteriologia ecumênica?

Desumanização – A salvação deve resgatar todas as pessoas e a pessoa como um todo das estruturas que se levantam contra a vida plena. Para os cristãos, proclamar a salvação é corroborar a humanização e corresponde a seguir o Cristo (Filipenses 2.5-11). Essa salvação é cósmica, dirige-se a todas as criaturas. Os processos desumanizantes estão configurados pela destruição ecológica, pela fome impingida a milhões de seres humanos, pela diminuição da vida de milhões de crianças. Enfim, pelo acúmulo de poucos e da precariedade e miséria para bilhões de seres humanos. Todas as condições que impedem o relacionamento livre e amoroso entre os seres humanos são desumanizantes. Sobre todas elas ecoa a voz de Deus que quer salvar as pessoas e toda a criação.

Exclusão social – A universalidade da salvação abjura todo e qualquer sistema que torne os seres humanos supérfluos. A vida é para todos, Cristo se dá ao mundo para que todos te-

tenham vida e a tenham em abundância. A face perversa do fenômeno da globalização é a exclusão sistemática da imensa maioria dos mercados de trabalho e de consumo. Isso não é um fenômeno localizado nas periferias do sistema, mas um fenômeno sistêmico. A criação de um *apartheid* social mundial é, provavelmente, o fenômeno mais desafiante do final do século. A graça da salvação também espraia-se sobre essa dimensão da existência humana.

Valorização das culturas – Todas as culturas, consideradas como o modo de ser e construir sentido para a existência das pessoas são manifestação do desígnio salvífico de Deus criador. Essa pluralidade é também expressa nas diversas formas de adorar a Deus instituídas pelas culturas. De certa maneira, a valorização das culturas e das religiões dos povos coincide com a proclamação da vontade salvífica de Deus.

Afirmção das diferenças étnicas e de gênero – As diferenças étnicas e de gênero não se opõem à dignidade dos filhos e das filhas de Deus, mas a confirmam. Também essa diversidade é manifestação do desígnio salvífico que Deus tem para a humanidade. Tais diferenças podem estar a serviço da nova criação em Cristo.

Mal radical – Em primeira instância, a salvação responde à ambigüidade da condição humana, que “não faz o bem que quer, mas o mal que não quer”. Essa é a marca da liberdade que pode responder não ao absoluto do amor de Deus. Esse amor absoluto de Deus é, no entanto, perseverante e se apresenta como a única e derradeira possibilidade de superação dessa radicalidade do mal.

Jorge Atilio Iulianelli, filósofo e leigo católico. José Bittencourt Filho, teólogo protestante e pastor presbiteriano. Os dois integram KOINONIA.

VIAS DA SALVAÇÃO NA TEOLOGIA DA REFORMA

Antonio G. Mendonça

A concepção protestante da salvação passou por transformações que acompanharam as alterações dos diversos contextos históricos. Nesse processo, a relação com a cultura tornou-se elemento complicador. Compreender esse impasse como sendo uma das razões da crise atual do cristianismo reformado é a sentença deste artigo

Salvação significa resgate ou libertação de uma situação infeliz ou imperfeita em que os “salvos” careciam do verdadeiro bem-estar. Por causa da tradição judaico-cristã o termo ganhou conotação técnica e é empregado, mesmo quando aplicado de modo geral, em situações críticas em que as soluções não mais advêm pelas vias racionais. Por trás do conceito de salvação há um certo lastro religioso. É por isso que no mundo da racionalidade prefere-se usar “resgate” para situações-limite porque este termo, embora sinônimo de “salvação”, não traz consigo carga religiosa.

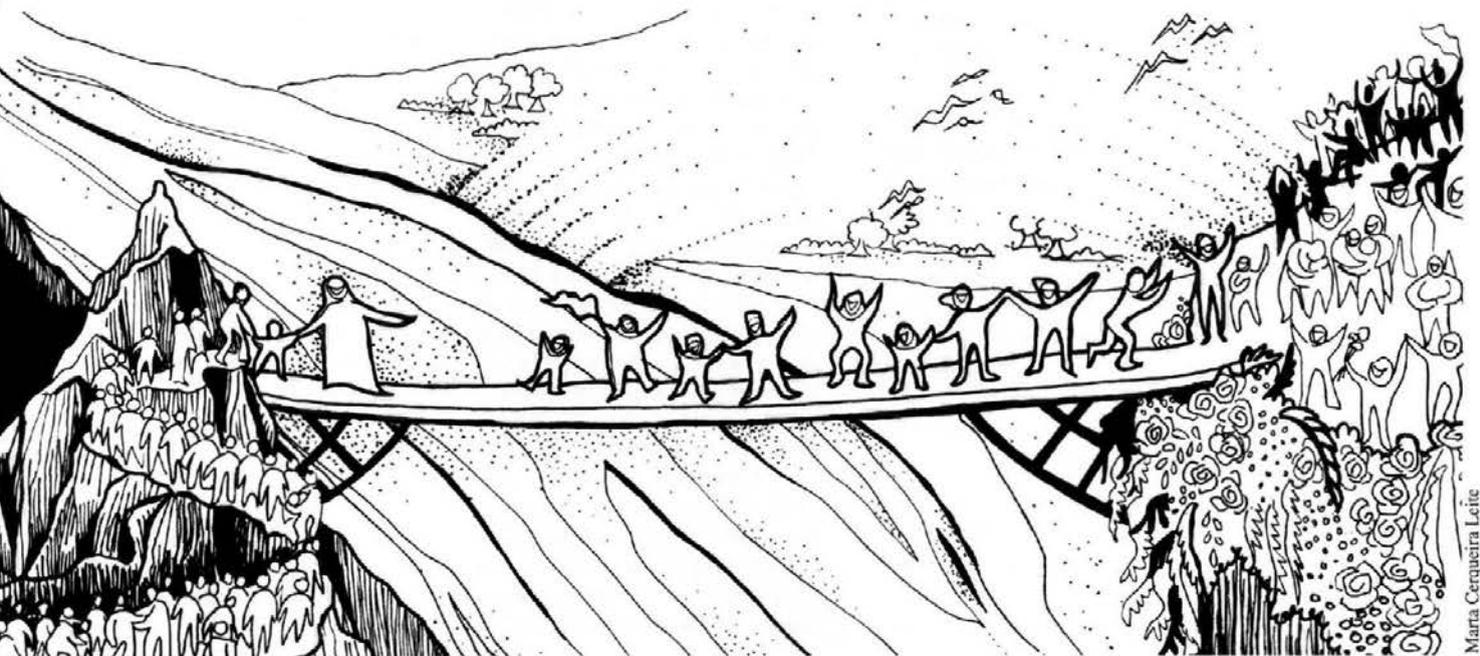
RELIGIÕES DE SALVAÇÃO

Religião de salvação é aquela que oferece um diagnóstico da condição

humana assim como um caminho espiritual para a saúde ou para a integridade, isto é, os preceitos necessários para que o ser humano rompa com a situação de desnutrição física, psíquica e social e obtenha a vida plena. Em suma, as religiões de salvação oferecem aos seus adeptos a receita da felicidade.

A raiz latina de “salvação” (*salus, salvus*) é muito abrangente e, por isso, requer precisão quando empregada sob pena de se tornar vaga ou mesmo carente de sentido. Além disso, salvação pode referir-se a indivíduos ou à coletividade e gerar uma ambigüidade que traz consigo implicações teológicas de muita importância.

A história e as ciências da religião estabelecem distinção entre re-



ligiões de salvação e religiões filosóficas e aquelas práticas religiosas mais rústicas que objetivam controlar a natureza tendo em vista a fertilidade e as colheitas e também os espíritos causadores dos males do corpo. As religiões filosóficas, não obstante visarem a felicidade, não buscam outra mediação além da mente. A distinção então entre as religiões de salvação e as demais está na presença ou não de um mediador ou salvador, seja um herói ou um ser divino.

SALVAÇÃO E TEMPO

A figura do mediador traz consigo, por definição, uma forte ambigüidade porque tem de se situar no ponto intermédio entre o humano e o divino como se fora uma ponte entre dois mundos incomparáveis. No mundo clássico o herói sempre se caracteriza por essa dupla origem divina e humana, mas sua história não vai além da necessidade de explicar fatos e coisas, inclusive a ordem do mundo. O herói clássico, entretanto, não atrai para si nenhuma fé e não oferece nenhum projeto salvífico porque no seu universo nada pode ir contra o destino. Nas religiões de salvação propriamente ditas o herói salvador, mediando dois mundos, pode transferir seus adeptos de um para outro.

Mas, o mediador ou salvador, além dessa ambigüidade interna que projeta sua figura divino-humana, traz outra ambigüidade, agora mais externa, que se estende ao tempo da sua ação como salvador. A noção de tempo da salvação é ambígua, porque ela se pode dar no presente ou futuro históricos, assim como no tempo escatológico.

SALVAR DE QUÊ E PRA QUÊ?

Além das ambigüidades do conceito de mediador ou salvador, o de salvação nos leva ao cerne da questão que é o objetivo da salvação. Afinal, o salvador nos salva de quê? A discussão deste problema central nos con-

duz, de um lado, ao desejo de ver na história do Cristianismo as diversas propostas dogmáticas apresentadas e aprovadas ao longo do tempo para resolver as ambigüidades e tornar a fé cristã objetiva e, de outro, a relacionar a dogmática com a cultura e visualizar o que resistiu e o que se desgastou no tempo e no espaço. Esta é uma tarefa hercúlea e nem por sombra podemos enfrentá-la aqui. Teólogos, filósofos e historiadores da teologia e da cultura já investiram muito esforço para relativizar a dog-

mática e ajustar a fé cristã ao espaço/tempo. Sucesso e fracasso andam juntos neste campo.

Nossa intenção não vai além do desejo de apontar algumas razões da crise atual do Cristianismo reformado, principalmente no Brasil. Não haverá novidade nesta reflexão. Seu único mérito, se houver, será o esforço para tornar mais precisos alguns pontos a serem discutidos no encaminamento da questão da salvação e cultura.

SALVAÇÃO: UM TERMO RICO DE SENTIDOS

A salvação na Bíblia é um termo muito rico de sentidos. Os estudos bíblicos mostram que a salvação no livro do Êxodo é sinônimo de libertação da escravidão e abundância da terra prometida! No salmo 130 é a recuperação da saúde e o retorno a uma vida de esperança; no profeta do exílio (Isaias 40-55), a salvação inclui o retorno do cativo, a reconstrução das cidades, bem como o perdão incondicional e a abertura ao futuro. No evangelho de Lucas, a salvação é cumprimento de todas as promessas de libertação feitas pelos profetas, com especial referência aos "pobres da terra", aos pecadores, aos deserdados; é Jesus Cristo quem "salvará a seu povo do pecado", porque veio buscar e salvar aquele que se tinha perdido. Essa salvação destrói as barreiras que separam os homens e os incorpora no "povo de Abraão", sejam eles judeus ou samaritanos, do Este ou do Oeste. Em Romanos, a salvação de que Deus dispõe é a libertação dos poderes opressivos da lei, do pecado e da morte. "Justificados pela fé, temos paz com Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo", porém "somos salvos em esperança", "esperando a redenção de nosso corpo". "A criação inteira geme com gemidos indizíveis", por

sua libertação final. O Apocalipse celebra com imagens e linguagem simbólicas a salvação, ou seja, a vitória de nosso Deus sobre seus adversários e a vingança de sua glória e poder, de sua misericórdia e justiça. A vitória sobre o pecado e as macro-estruturas do pecado — como Babilônia e o Dragão —, assim como a vitória sobre o "último inimigo", a morte.

Os verbos hebraicos para salvar (*padah, ga'al, niphil, yasha*) significam resgatar, redimir, libertar, dilatar, ajudar. Da mesma forma o verbo grego salvar (*sozein*) do Novo Testamento e o substantivo salvação (*soteria*) são usados para sanar, libertar e salvar no sentido último de ser salvo "dos pecados", "da condenação", "da perdição", "da ira de Deus".

A salvação total se expressa na paz (*shalom*), que inclui segurança, saúde, bem-estar, comunidade, justiça, integridade, enfim, a harmonia do homem com Deus, com os homens, com a natureza, com o universo todo.

Na Bíblia, portanto, há uma salvação final e definitiva, escatológica. A salvação é uma realidade presente e futura. É um processo ("entrar no Reino", "entrar na vida eterna") que somente será consumado além do juízo.

Fonte: Mortimer Arias, *Salvação hoje, entre o cativo e a libertação*, Vozes, 1974.

OS REFORMADORES E A SALVAÇÃO

Com a intenção de afastar a mediação absoluta que a Igreja Católica Romana exercia na administração da salvação, com as demais conseqüências, os reformadores atacaram o cerne da questão, isto é, de como pode alguém apropriar-se da salvação? A isto eles responderam que o que antes passava pela Igreja agora passa entre o indivíduo e Deus pela mediação única de Jesus Cristo. Inverteram também os pólos da relação entre obras e salvação: a salvação vem agora pela graça apropriada pela fé e as obras são conseqüência. A Igreja perde também sua autoridade na regulação da vida, passando essa autoridade para a Bíblia como "única regra de fé e prática", à qual o cristão tem acesso direto para leitura e interpretação.

O resultado de tudo isso foi o estabelecimento do grande princípio protestante de autodeterminação ou da liberdade. Mas, como faca de dois gumes, o princípio protestante sempre colocou os cristãos reformados na situação do Hércules mítico tendo de escolher entre dois caminhos, ou Minerva ou Vênus. A liberdade do Protestantismo transforma-o numa religião individualista por definição e tem como conseqüência obstáculos muito grandes no seu relacionamento com as questões sociais. Mas, por outro lado, o Protestantismo pode assumir compromissos com a cultura e, em muitos casos, arriscando-se a perder sua identidade. De qualquer maneira, o protestante está sempre na encruzilhada: ou assume a cultura e perde seu perfil ou nega a cultura e se fecha no gueto. Até hoje, ao menos nas áreas de missão, o Protestantismo não logrou formas adequadas de ajustamento às culturas.

AS TRÊS VIAS DA SALVAÇÃO

A história do Cristianismo, como história da salvação referida a Jesus Cristo, mostra que a reflexão filosófico-teológica, assim como as decisões dogmáticas conciliares em tor-

CONFERÊNCIAS MISSIONÁRIAS ECUMÊNICAS

MADRAS, Índia 1938
IGREJA, ESTADO E OUTRAS
RELIGIÕES
Conferência Missionária
Internacional

Temas debatidos:

- A autoridade da fé
- A igreja crescente (*growing*)
- Evangelismo
- A vida da Igreja
- A base econômica de hoje
- A Igreja e o Estado

Esta conferência foi realizada como uma espécie de continuação da de Jerusalém. Madras, contudo, entrou para a história das missões mundiais por ser a Conferência no qual, pela primeira vez, refletiu-se, seriamente,

sobre a missão cristã, tratando as demais religiões não-cristãs com respeito e à luz da unidade essencial que existe entre a Missão e a Igreja. Afirma-se que em Tambaram nasceu uma nova missiologia ou a missiologia dos tempos modernos.

Os delegados oficiais oriundos de 69 nações, sendo que mais da metade dos delegados provinham das "jovens igrejas", ou seja, da África, Ásia e América Latina.

Há que se destacar a importante participação em Tambaram do missiologista holandês H. Kraemer que, em nome do Concílio Missionário Internacional, falou sobre "A mensagem cristã em um mundo não-cristão."

Com a intenção de afastar a mediação absoluta que a Igreja Católica Romana exercia na administração da salvação os reformadores atacaram o cerne da questão, isto é, de como pode alguém apropriar-se da salvação?

no da salvação, passaram por longos e dolorosos conflitos nunca inteiramente resolvidos. Não é novidade para ninguém que, pelo menos em parte, os conflitos dogmáticos foram e continuam sendo pretexto para as divisões do Cristianismo. Em parte porque esses conflitos, na maioria dos casos, não foram além de racionalizações religiosas de motivos que estavam muito acima do poder dos dogmas. Dessas lutas, das quais emergiram, e ainda emergem, hereges e ortodoxos, mártires e heróis da fé, a história guardou uma grande ri-

queza de pensamento sobre a condição humana e a ansiosa busca, por parte dos homens, da superação dos seus próprios limites na obtenção da felicidade. A riqueza e a beleza desse pensamento podem ser percebidas e avaliadas na medida da nossa capacidade de pôr o dogma entre parênteses e estudá-lo objetivamente, *sine ira ac studio*.

A história do pensamento cristão nos permite visualizar as várias formas pelas quais os teólogos foram tentando resolver a questão da salvação e da sua apropriação. A Igreja Antiga usa como base o conceito de encarnação, em que Jesus Cristo aparece como aquele que liberta os seres humanos do poder da morte e do pecado quando Deus assume toda a humanidade na encarnação e cumpre nisso sua obra salvífica. Cristo realiza isso na ressurreição, vencendo a morte. Assim, Deus em Cristo garante salvação no sentido da restauração do ser à imagem e semelhança de Deus. Este tipo básico de salvação é, de modo geral, o pensamento das igrejas ortodoxas.

Ponto de vista oposto a esse foi

Conceitos como pecado, graça e salvação pouco ou nada têm a dizer hoje, a não ser que sejam reconstruídos de acordo com os desejos humanos

desenvolvido na Idade Média latina. Enfoca especialmente a interpretação da morte de Cristo como expiação dos pecados humanos. Contém a idéia de satisfação da justiça de Deus ofendida, que torna possível a reconciliação, justificação e perdão. Os reformadores, em particular, comprometem-se com este modelo para entender a salvação. Calvino, por exemplo, afirma, a respeito da eucaristia, que o sangue de Cristo foi uma vez derramado por nós para que seu "benefício seja nosso agora e também no futuro" (*Institutas*). De um modo geral, esta é a posição da Igreja Católica e das grandes igrejas protestantes.

Mas, sobretudo na teologia moderna européia, a atividade salvífica de Jesus chama a atenção toda para a pessoa do Jesus terreno, isto é, para a sua pregação, ação e atitude religiosa. Este ponto de vista teve como ponto de partida a teologia liberal, principalmente em Schleiermacher (1768-1834). A salvação, portanto, resulta do discipulado mais profundo em que os seres humanos se deixam envolver pelas atitudes religiosas básicas de Jesus, compartilhando na auto-entrega que ele fez por eles e assim seguiu-o. Esta idéia sobre Jesus e a salvação é a responsável pelas diversas teologias do nosso tempo porque a pregação e as ações de Jesus de Nazaré apontam para várias vias de salvação para os seres humanos. A teologia liberal, que surgiu por outras motivações históricas, parece ressurgir como exigência do pensamento fragmentário da pós-modernidade e está presente nas di-

versas tradições cristãs de uma forma ou de outra.

Encontramos elementos desses três paradigmas em todas as igrejas e, em conseqüência, a revivescência de conflitos muitas vezes amargos. Em particular nas igrejas protestantes, pelas razões mesmas do princípio de liberdade, os conflitos são permanentes e inconciliáveis. Entretanto, há elementos comuns nos três paradigmas, porque em todos eles Cristo é visto como alguém que "veio para nós" e que assume nossa causa, que age em nosso nome e nos defende. É uma concepção trinitária articulada em que Deus é visto trabalhando pela nossa salvação por meio do Filho no Espírito (ver Ulrich Kuhn, *Dictionary of the Ecumenical Movement*, artigo "Salvação").

O IMPASSE ATUAL DOS CRISTÃOS REFORMADOS

Fala-se com insistência em crise do Protestantismo tradicional. Entende-se como sinais dessa crise o decréscimo de fiéis, pelo menos dos que freqüentam os cultos, a pulverização cada vez maior de igrejas de corte evangélico e, principalmente, o distanciamento entre o pensamento teológico atual e as diferentes esferas da vida da comunidade da fé. É estranho que o Protestantismo vigoroso do século XIX, que soube construir nesse período seus grandes monumentos teológicos, gerou no seu próprio interior os princípios da sua decadência. Ao mesmo tempo que elaborava um pensamento ajustado às necessidades do tempo, incluindo até mesmo o futuro, dentro do princípio de liberdade, desenvolveu linhas teológicas antimodernas que vieram a se estratificar nas igrejas impedindo-as de fazer reconciliações com os novos tempos e desafios.

A crise da metafísica e da consciência histórica não impediu que as grandes igrejas protestantes continuassem até hoje aferradas a categorias abstratas e desvinculadas de toda a realidade, assim como a siste-

mas teológicos que não acenam para seus fiéis outra coisa que não uma salvação a-histórica. A ausência de centros de referência e a índole protestante de se apoiar no Estado têm permitido que diversas formas de ideologia política interfiram na sua trajetória. Principalmente nas áreas de maior convulsão social, como a América Latina, por exemplo, tem sido freqüente a idéia de que a salvação vem do Estado. O Protestantismo latino-americano deixou passar de largo as suas melhores promessas de *aggiornamento* quando, nos anos de 1960, reprimiu as propostas de compromisso social da Igreja e marginalizou suas cabeças pensantes, tudo em nome de uma ideologia defendida por outra cultura contra um inimigo que não era nosso. Foi típico exemplo do uso do conceito de salvação de modo equívoco.

MAS, O QUE É MESMO SALVAÇÃO?

O Protestantismo tradicional tem tentado usar técnicas de *marketing* que não têm dado resultado porque buscam atrair pessoas usando conceitos que, se concretos no seu tempo, tornaram-se abstratos em situações novas. Em suma, conceitos como pecado, graça e salvação pouco ou nada têm a dizer hoje, a não ser que sejam reconstruídos de acordo com os desejos humanos nas esferas da vida em que estão envolvidos hoje. É por isso que os adeptos do Protestantismo tradicional são submetidos durante toda a vida à constante doutrinação destinada a construir e preservar um universo simbólico distanciado e mesmo oposto à realidade em que vivem. Disto resulta uma ambigüidade que se segue de um duplo sentido de salvação: primeiro, o refúgio do mundo no seio da comunidade, num movimento centrípeto da fé; segundo, a espera da bem-aventurança futura para além da história. A realidade presente é assim descartada da salvação, ficando o fiel alienado da cultura.

Nessa linha de raciocínio temos de concluir que o protestante tradicional perdeu o sentido da salvação e, como conseqüência, os demais conceitos que o sustentam.

SALVAÇÃO DA CULTURA OU NA CULTURA?

Apesar do esforço dos reformadores e de muitos teólogos posteriores para firmar o conceito de povo de Deus, povo do pacto ou Reino de Deus, é difícil escapar do individualismo que está por trás do pensamento protestante. A salvação individual é o fundamento da fé protestante, e o ponto de partida da salvação é a conversão. A conversão é uma experiência religiosa profunda que marca o momento da morte para o pecado e o nascimento para a verdadeira vida, isto é, a garantia antecipada da felicidade na comunidade da fé e na vida futura. A conversão e a salvação não exigem nenhuma mediação; é um ato direto entre o indivíduo e Deus, em que a realidade, ou o mundo da cultura, situado entre o espaço da comunidade e o tempo futuro, está morta.

Entretanto, como nenhum conceito ou forma de pensamento surgem do nada, o conceito de salvação já foi muito concreto. Consideremos, como exemplo, só o século do Protestantismo, isto é, o século XIX, quando foram desenvolvidos os conceitos de conversão e salvação individual. A queda das velhas estruturas sociais deixara a maior parte da população européia em profunda desorganização, ao mesmo tempo que se desenvolviam o darwinismo social e os ideais de progresso da humanidade. Cria-se firmemente na capacidade de evolução do homem para melhor e, como conseqüência, no encaminhamento da sociedade em direção de um mundo feliz. O progresso científico e tecnológico, assim como o acúmulo de riquezas advindo da industrialização e da exploração das colônias, surgiam como índices seguros dessa esperança.

CONFERÊNCIAS MISSIONÁRIAS ECUMÊNICAS

WHITBY, Canadá 1947 TESTEMUNHO CRISTÃO EM UM MUNDO REVOLUCIONÁRIO

Temas debatidos:

- Parceiros na obediência
- A supranacionalidade das missões
- As funções do Conselho Missionário Internacional

Foi a primeira Conferência Missionária Internacional após a II Grande Guerra. Dos participantes 72 pertenciam aos países que haviam sido

atingidos diretamente pela guerra. Percebe-se, claramente, pela participação, a desilusão e o fato de que, devido à guerra, não houve muita preparação para a conferência. Whitby caminhou na trilha de Madras e afirmou que a Missão e a Igreja são inseparáveis. Questionou a tentativa, sempre presente, de tornar o Cristianismo uma "super-religião" sobre todas as outras e avançou um pouco sobre a relação missão-mundo. Afirmou que missão é serviço da Igreja no mundo e para o mundo.

Os movimentos religiosos contemporâneos se apresentam como uma proposta mais ou menos articulada de salvação na cultura

A ideologia da ordem e do progresso exigia, para sua efetivação, a entrada no sistema de trabalho organizado e produtivo de pessoas disciplinadas, honestas e de família estruturada. O tipo de Protestantismo que se desenvolveu a partir de fins do século XVIII desempenhou importante papel de introdutor no sistema de toda aquela marginalidade cultural que, provinda de sistemas já desorganizados, povoava as cidades, ou trabalhando nas indústrias ou simplesmente desocupada e ocupando casas de diversões.

A pregação do avivalismo religioso desse período visava converter as pessoas, sacando-as da marginalidade e dos conseqüentes vícios-crime-alcoolismo, jogo de azar — e introduzindo-as no sistema produtivo onde se reencontrariam. A salvação estava em assumir a ordem da cultura. Mas, quando os missionários se

defrontaram com a tarefa de pregar a salvação em outras culturas, entenderam que a salvação estava nos valores da sua própria cultura e procuravam converter as pessoas a esses valores. Agora, a salvação consistiria em salvar-se da cultura produzindo outra forma de marginalidade cultural.

CONCLUSÃO

Uma análise mais atenta dos movimentos religiosos contemporâneos que, pelo impacto que causam, assustam as igrejas tradicionais, parece pôr em relevo o fato de que eles se apresentam como uma proposta mais ou menos articulada de salvação na cultura. Não apresentam expectativas futuras de felicidade num outro tempo, mas oferecem vias para a reorganização da vida e a superação de obstáculos no sentido de satisfazer os desejos de valores e coisas que a cultura oferece. Assim, ocupam aquele espaço vazio e de expectativa que é o ponto de negação de salvação do Protestantismo tradicional.

Antonio G. Mendonça, pastor da Igreja Presbiteriana Independente, teólogo protestante, professor do Instituto Metodista de Ensino Superior, Rudge Ramos/ SP.

GRATUIDADE, UNIVERSALIDADE E ESPIRITUALIDADE

Francisco Catão

Para pensar os caminhos atuais para solucionar a tensão na relação entre salvação e culturas, é preciso pensar que esta é uma questão histórica. Assim alerta Francisco Catão no artigo que oferece, como ele mesmo diz, uma viagem ao passado, com alusões aos momentos de polêmica e suas conseqüências, sem deixar de apontar as perspectivas de ação

Recebemos o Espírito que vem de Deus
1 Coríntios 2.12

A questão teológica que hoje se apresenta em termos de salvação e culturas é tão antiga quanto a própria humanidade. Os humanos sempre o enfrentaram, desde que se puseram a cogitar sobre sentido da vida. Antropologicamente, é impossível separar salvação, cultura e religião. São conceitos que enfocam, sob ângulos diversos, às vezes até contrastantes, a realidade mesma da plena realização do ser humano no reconhecimento daquele que dá sentido à vida, a quem denominamos correntemente Deus.

À questão fundamental do sentido, o Cristianismo trouxe uma resposta nem sempre plenamente preservada pelos seus promotores, através dos séculos e que teve que ser

sempre retomada, em cada nova transformação cultural. Multiplicaram-se a tal ponto as maneiras de interpretá-la, que causaram entre os cristãos dolorosas, profundas e até incompreensíveis divisões.

Na atual conjuntura, em que o mundo é, ao mesmo tempo, mais uno e mais diverso do que nunca — uno pela política de globalização, tecnologicamente possibilitada; diverso pelo pluralismo, acolhido como condição de liberdade e até de sobrevivência —, compete às religiões em geral e também ao Cristianismo, portanto, buscar a unidade ecumênica de comunhão entre todas as modalidades possíveis de resposta à questão da salvação e culturas.

Nos limites deste trabalho, faremos um exame sumário do desenvolvimento histórico da questão, antes de procurar desenhar alguns caminhos atuais de solução. Daí as três partes em que dividimos nossa reflexão: a resposta cristã ao problema da salvação e culturas; uma viagem ao passado, aludindo aos grandes momentos em que o tema se tornou polêmico, com conseqüências que até hoje ainda perduram; e, finalmente, algumas perspectivas de ação.

A SALVAÇÃO CRISTÃ

A condição humana é tal, que na sua forma de conhecer e exprimir a realidade, intervém sempre a postura do sujeito. Tudo que se diz ser, é interpretação de experiências fundamentais, por si mesmas incomunicáveis, senão quando traduzidas em imagens, conceitos e linguagens, em que o sujeito cognoscente imprime inevitavelmente sua marca, sigilo do pon-

to de vista em que se coloca, voluntária ou involuntariamente.

Quando, pois, falamos de salvação cristã, não entendemos designar nem um dom específico de Deus, nem a simples realização do ser humano, de suas aspirações e utopias. A salvação realizada por Jesus não é também um regime particular introduzido na história, com suas leis e exigências próprias, distintas das leis e exigências que presidem à história da humanidade no seu conjunto. Os bons teólogos sempre entenderam que entre criação e redenção não há solução de continuidade. Desde suas origens, o querigma cristão insiste no fato de que o Salvador é Deus Criador que, por caminhos só dele conhecidos, leva à plenitude sua obra começada na origem dos tempos, comunica seu Espírito por intermédio de sua Palavra, que é o mesmo Jesus de Nazaré.

Não sendo um sistema particular de vida, incrustado na criação e na história, a salvação cristã só pode ser uma interpretação da história, revelada por Deus no seu Verbo em vista da comunicação de seu Espírito, anunciada por Jesus, para ser proclamada pelos seus até os confins da terra. A salvação é, pois, a *boa-nova* de que Deus está presente e atuante na vida da humanidade inteira, no fundo do coração de cada ser humano, até que se realize em plenitude o seu desígnio de amor.

Seria esta uma forma atual de dizer o que se exprimia no adágio, segundo o qual a graça não destrói, mas aperfeiçoa a natureza, traduzindo em termos ontológicos, o que os Padres da Igreja, desde Paulo, aliás,



Douglas Mansur

A salvação cristã deve ser entendida sem qualquer limitação de tempo ou de espaço e de época histórica ou de cultura

Os bons teólogos sempre entenderam que entre criação e redenção não há solução de continuidade

diziam em termos históricos, ao professar a continuidade entre as duas alianças, fazendo da primeira um sinal da segunda, ou ao identificar nas aspirações dos gentios, os “germens do Verbo”, presentes em toda busca sincera da humanidade inteira. O *Catecismo da Igreja Católica* vê hoje a salvação como cumprimento do desejo de Deus, inscrito no mais profundo do coração de todos os humanos (*Cat*, 27s).

Assim entendida, como interpretação da obra efetiva que Deus realiza na história, cumprindo o voto primordial da criação, a salvação cristã comporta três grandes características, indispensáveis à sua compreensão: ela é um dom de Deus; oferecido a toda a humanidade; e vivido na comunhão do Espírito, na liberdade.

A salvação é dom de Deus

Toda a experiência religiosa bíblica tem como pressuposto fundamental que tudo está inteiramente nas mãos de Deus. Quando se trata, porém, do ser humano, feito à imagem de Deus, capaz de dar nome às coisas e delas dispor, dotado por conseguinte de liberdade, o dom de Deus se reveste de um caráter novo. Isto porque se situa numa relação interpessoal em que Deus pede, reclama ou exige reconhecimento e reciprocidade, os quais o ser humano deve exprimir livremente, mas que pode também recusar. O ser humano não depende de Deus como coisa feita por ele: não pode viver humanamente sem se autoposicionar, mesmo que não o queira, em face de Deus, reconhecendo-o ou desconhecendo-o, o que é uma forma de negá-lo. A relação humana com Deus é especificamente interpessoal, dada com o ser inteligente e livre e, por conseguinte, vivida por todo ser humano, na medida exata em que age humanamente.

Na perspectiva bíblica, a condi-

ção histórica da humanidade depende da qualidade dessa relação interpessoal entre Deus e o ser humano. A humanidade estará sempre sujeita à defecção, ao pecado. Deus, porém, levando até o último excesso sua disposição de se comunicar, superabundando em graça, como dizia Paulo, sem deixar de ser Deus de justiça, caracteriza-se como Deus da graça, da misericórdia e do perdão, empenhado na aventura histórica de fazer o dom superar a defecção.

Nesse sentido pode-se dizer que o Cristianismo é a religião e a cultura caracterizadas pela percepção radical da gratuidade de tudo aquilo que o ser humano é e é chamado a ser. Tudo é graça, agora num sentido novo, não apenas por provir de Deus, mas por ser, no contexto das relações especificamente humanas, interpessoais, entre Deus e os humanos, fruto do amor que a tudo perdoa e busca a comunhão, mesmo com aqueles que dela procuram fugir ou a ela resistir.

Na linguagem cristã-teológica, a salvação é fundamentalmente o desígnio duplamente gratuito de Deus, de reunir na comunhão de sua vida, na Verdade e no Amor, todos os humanos. Mais do que um projeto ou um plano divino, que ainda podem ser frustrados pelo não da liberdade, a salvação é um propósito, um desígnio perseguido por Deus até o fim, e que será finalmente realizado, ainda que por caminhos considerados loucura pelos que buscam a sabedoria por si mesmos.

A salvação é universal

Dom de Deus a ser oferecido a todos os humanos, a salvação cristã só tem, pois, sentido se for universal. Esta é, aliás, a convicção profunda do Novo Testamento, o qual retoma alguns traços já explicitamente presentes nas Escrituras judaicas. Esses traços dão continuidade à percepção de que foi o Deus Criador que reuniu, sob a realeza de Davi, o povo de Israel, libertado por Moisés, para de-

Cristianismo é a religião e a cultura caracterizadas pela percepção radical da gratuidade de tudo aquilo que o ser humano é e é chamado a ser

sempear uma missão histórica de significação primordial para toda a humanidade. E, por intermédio do Ungido de Deus, o Messias, qual profeta escatológico, instaura-se a Jerusalém de todos os povos e nações.

O universalismo desde cedo foi reconhecido como marca da obra de Jesus. Deus o enviou para a salvação de todos os humanos. Seu advento é celebrado por toda a criação, como nos fazem ver os preciosos *midrashim* da infância. O Espírito sopra onde quer, mesmo quando se trata de pessoas, famílias ou grupos estranhos às tradições judaicas. É verdade que esse universalismo teve que contar com o vigor de Paulo para quebrar as peias da inércia, sempre renascente, dos que sentiam dificuldade em dissociar a significação religiosa da vida, morte e mensagem de Jesus, dos preceitos restritivos da Lei que ele mesmo sempre observou, reconhecendo embora sua relatividade.

A polêmica de que são testemunhas os escritos do Novo Testamento constitui a confirmação inofismável de que a salvação cristã deixaria de sê-lo ou ficaria completamente esvaziada, se não fosse entendida como alcançando todos os humanos, sem qualquer limitação de tempo ou de espaço, de época histórica ou de cultura. A própria natureza de dom de Deus implica o reconhecimento de sua universalidade, pois Deus não faz acepção de pessoas. Deixaria de ser Deus, tornar-se-ia um ídolo, o deus que fosse entendido, invocado ou cultuado como exclusivo de um

povo, nação, tempo, cultura, religião ou maneira de ser.

A universalidade da salvação, confessada hoje pela maioria dos cristãos, nem sempre é levada às últimas conseqüências. Acima da consciência da relatividade de nossos modos particulares de ser cristão, de nossas diversas expressões culturais, confissões ou denominações, prevalece uma postura anti-ecumênica de exclusão, que dá prioridade às próprias idéias e organizações particulares, pretendidamente cristãs, as quais muitas vezes reivindicam até o nome de igrejas!

Não constitui por certo problema menor procurar entender a universa-

lidade da salvação em harmonia com a confissão de que o dom de Deus e sua efetiva acolhida passam pelo Cristo Jesus. Sem entrar porém num problema teológico de monta, mas que ultrapassa os limites desta reflexão, diríamos apenas que o modo cristão de entender a salvação, do ponto de vista teológico, prende-se à significação universal do gesto histórico de Jesus, como manifestação do dom da salvação feito a todos os humanos.

Em outros termos, a confissão de Jesus como Messias Salvador é mais fundamental ao querigma cristão do que a busca de uma possível compreensão de como se realiza, no desígnio de Deus, a universalidade de um fato histórico determinado, Jesus. Por ser um fato histórico, Jesus é particular apesar de que, também como fato histórico, é continuado pela sobrevivência, até o fim dos tempos, da comunidade de discípulos, a Igreja, chamada a dar testemunho até os confins da terra. Os problemas teológicos, quando ainda não resolvidos satisfatoriamente, não podem servir de pretexto para velar a verdade de Deus manifestada em Jesus e seu papel de Salvador universal, garantido, pelo dom do Espírito, que sopra onde quer e não conhece fronteiras.

A salvação no Espírito

Gratuita e universal, a salvação cristã só pode ser espiritual. Estivesse ligada a qualquer expressão determinada da verdade, a qualquer observância religiosa ou mesmo a qualquer comportamento estabelecido por lei — além de ser dificilmente universalizável, pois acabaria implicando inevitavelmente um imperialismo cultural — não poderia ser qualificada de espiritual. Só merece esse qualificativo a livre inter-relação entre pessoas, num clima de amor, em que conta não o que se pensa ou se quer, mas o que se vive, na comunhão que une as pessoas e as leva a ser solidárias umas das outras.

EVANGELIZAR

Sebastião Armando G. Soares

Aceitar os limites da experiência, mesmo religiosa, de Jesus é, ao mesmo tempo e com muito mais razão, aceitar os limites da experiência cristã. Temos de abrir-nos ecumenicamente à totalidade da experiência humana e enriquecer-nos todos(as), reciprocamente, mediante o diálogo e os conflitos inevitáveis da vida. Só assim seremos fiéis aprendizes da multiforme e inesgotável riqueza da realidade divina. Temos de escutar outras palavras, diferentes das nossas e que nos ensinam também quanto à Verdade de Deus.

Evangelizar, então, nunca mais poderá ser processo de imposição de fora para dentro. Nunca mais pode equivaler a fazer assimilar a minha *imagem* de Deus, o meu sistema religioso, a minha cultura. Conseqüentemente, nunca mais será lícito proclamar "espada e cacetete que é a melhor pregação" (Padre José de Anchieta). Será, antes, processo de diálogo, de comunicação e de *reconhecimento* da Presença salvífica que se nos dá no coração de nossa experiência histórica.

Fonte: *A palavra na vida*, CEBI, 1996.

CONFERÊNCIAS MISSIONÁRIAS ECUMÊNICAS

WILLINGEN, Alemanha 1952
A MISSÃO DE DEUS TRINO
NO MUNDO E PELO MUNDO

Temas debatidos:

- O compromisso missionário da Igreja
- A igreja indígena — a Igreja universal no seu espaço local
- O objetivo da sociedade missionária
- Reformar o modelo de atividades missionárias

Entre a Conferência de Whitby (1947) e a de Willingen (1952), acontece a organização do Conselho Mundial de Igrejas em Amsterdã, Holanda, em 1948. Esse fato acaba por influenciar a vida do Concílio Missionário Internacional, em particular, e a história das Missões, em geral.

A Conferência de Willingen foi a segunda realizada no pós-guerra e a primeira realizada na Alemanha, país que guardava profundas e irreparáveis marcas daqueles trágicos dias. A maioria dos participantes era da Europa e o tema da missão rece-

beu um profundo questionamento. O missiólogo holandês J. C. Hoedkendijk afirmou que quando a missiologia tem como ponto central a Igreja, ela precisa mudar, pois tem um ponto central errado. Afirmou que o centro da missão é o Reino de Deus e não a Igreja. Em Willingen ficou patente que tanto a missão como a Igreja vivem da *Missio Dei* e na *Missio Dei*, do envio de Jesus e do poder do Espírito Santo. Afirmou-se mais: não existe discípulo de Jesus Cristo sem que seja um discípulo do trabalho missionário.

O caráter espiritual da salvação é um dado central da Bíblia. É o *leitmotiv* dos Salmos. Está presente em toda a experiência religiosa de Israel: na fé de Abraão; nas teofanias do Êxodo e na história dos profetas; no amor de Deus para com seu povo, que dele exige mais a misericórdia do que o sacrifício; na exaltação do pobre, que nada possui com que gloriar-se, mas que oferece a Deus um coração contrito e um espírito humilhado. No Novo Testamento, o caráter espiritual da salvação se afirma de maneira peremptória na superação da Lei, pois na cruz de Jesus foi rasgado o documento que nos mantinha escravos da Lei e iniciada uma vida nova, caracterizada pela liberdade do amor.

Desde os primeiros escritos paulinos é evidente que a comunidade cristã, fruto da salvação gratuita e universal de Deus, está baseada na comunhão entre as pessoas, presidida pelo próprio Espírito de Deus. Este fala ao mais íntimo do espírito de cada um e congrega a todos na unidade de um mesmo corpo. Neste corpo, apesar da diversidade de condições e de funções, conta, acima de tudo, o amor, que é o clima em que se reúnem todos os frutos do Espíri-

to e que é, precisamente, a salvação, o que Deus quer para todos os humanos, cujo eco se faz ouvir no fundo de todos os corações.

A salvação cristã não é pois conquistada do poder nem gozo de prazer. Não depende da Lei ou do esforço humano para praticá-la. Não é penhor de felicidade a todo custo nem garantia da superação histórica de tudo o que oprime a humanidade. Passa antes pela sabedoria da cruz, pela proscricção, como se diz. Afirmo como dado central, que dá sentido a toda a vida, o amor e a comunhão — *agape kai koinonia* —, a convivência das pessoas na liberdade, realidade mais forte do que a morte, de que nos é dado viver desde agora as primícias, na amizade recíproca. Por isso, no Novo Testamento, atribuída ao desígnio de amor de Deus para com todos e realizada por Jesus, a salvação é oferecida espiritualmente a todos e apropriada ao Espírito de Deus, derramado no coração de todos, conforme o que já anunciavam os profetas.

A ação salvadora e santificadora do Espírito, num primeiro momento, evidencia a não-vinculação da salvação cristã a qualquer tradição ou disposição legal, em que se baseava a

herança religiosa de Israel. No contato com o pensamento helênico, a fidelidade ao dado tradicional de que salvação e santificação são frutos da ação do Espírito fez com que se reconhecesse, a partir justamente de referências soteriológicas, a “consubstancialidade” do Espírito com o Pai, em continuidade com a “consubstancialidade” do Filho, e levou à confissão de sua divindade. A cristandade vai então atravessar um longo período de reconhecimento da Trindade das Pessoas, na unidade de uma mesma natureza. Mas nunca se chegou à unidade de uma mesma teologia. A diversidade na maneira de entender o Espírito foi justamente um dos aspectos da divergência, que se tornou, num contexto político-eclesialístico confuso, um dos motivos da separação entre o Oriente e o Ocidente cristãos.

Hoje em dia, apesar da persistência de diversidades mais ou menos profundas, há pelo menos o consenso de que a salvação é comunicação do Espírito no Espírito, o que vai aos poucos fazendo-nos tomar consciência da relatividade das formas históricas da salvação e da Igreja e permitindo distinguir a esfera espiritual da salvação, de suas realizações históri-

co-culturais, sem atrelar mais o dom universal da salvação a nenhuma cultura ou forma religiosa determinada.

AS EXPRESSÕES CULTURAIS DA SALVAÇÃO

A condição humana é tal, que o ser humano não se pode humanizar, senão num meio em que as lentas e progressivas aquisições das sucessivas gerações, desde as maneiras de pensar, de agir e de fazer até o estabelecimento das normas do viver comunitário e pessoal, vão se consolidando em princípios, sentimentos, costumes, leis e instituições, que constituem o complexo habitualmente designado pelo termo cultura.

A ação verdadeiramente humana é o livre consentimento ao bem, cuja qualidade e última determinação é de ordem nitidamente espiritual. Todavia, não há ação humana que não se inscreva no tempo e no espaço, não comporte uma expressão determinada, uma forma de cristalização do espírito que a inspira. Esta forma é denominada cultural, na medida em que, ao mesmo tempo, exprime, sustenta e torna comunicativo o espírito de que é portadora.

É de primordial importância reconhecer que a salvação cristã é salvação espiritual. Em virtude, porém, de nossa condição humana e histórica, não é de menor importância, ao mesmo tempo e inseparavelmente, dar-se conta das formas históricas efetivamente assumidas pela salvação cristã, as formas históricas do Cristianismo, para que se possa indicar a direção em que se deva orientar o diálogo do Cristianismo com as culturas.

Devem-se evitar os dois extremos, insuficientes e prejudiciais, os quais durante muito tempo opuseram igrejas e confissões e que hoje atravessam praticamente todas as expressões do Cristianismo ou, até mesmo, as de todas as grandes religiões do mundo: o engessamento da salvação em determinadas práticas

culturais, o que acaba resultando nas diversas formas de fundamentalismos; e a completa volatilização das práticas religiosas, que proporcionariam a ilusão de que para viver a salvação, bastaria que cada um se voltasse sobre a própria experiência, até cair no mais estéril dos individualismos liberais.

A salvação cristã no mundo sacral

Poder-se-ia situar nos inícios do século XIX a primeira grande tomada de consciência, mais ou menos generalizada no Ocidente, de que o mundo não era mais como dantes. A ruptura data, porém, do século XVI, com o esplendor do renascimento humanista, os albores da emancipação da razão, o surgimento das ciências exatas e a reforma religiosa. As mudanças sempre assustam, mesmo àqueles que as promovem e que quase nunca se dão conta do seu alcance e de suas conseqüências mais marcantes. Daí também porque provocam uma reconsideração do passado, quando não o desejo explícito de restaurá-lo, a partir da idéia que dele se veio a fazer.

Entende-se assim que o surgimento da cultura ocidental moderna, centralizada em torno do ser humano, antropocêntrica, como se veio a denominar, teve como regra suprema a razão esclarecida, iluminada, como se dizia, e por principal objetivo o domínio progressivo da natureza, possibilitado pelo desenvolvimento da ciência e pelo emprego da tecnologia. Foi a posterior tomada de consciência da originalidade desse universo cultural, comandado pela razão, que levou a caracterizar como sacral o mundo que o precedeu. Denominação, pois, antes de tudo, extrínseca e genérica, mas que não deixa de ter seu peso, por nos situar no processo de mudança cultural característico do Ocidente e hoje generalizado, tornado planetário.

Desde as suas origens, os humanos fizeram experiência de seus próprios limites e se entenderam como

dependentes de uma realidade que os ultrapassava a todos, grupos e indivíduos, e de que tudo dependia. Todo poder vem de Deus, confessaram. O axioma resume, de forma condensada, a experiência do mundo e da sociedade que sempre fizeram os humanos, antes da modernidade. Mas, com o surgimento dessa nova perspectiva, polarizada no ser humano, passou-se a denominar sacral o mundo antigo, em que a vida social e política, assim como a cultura no seu conjunto, só se entendiam em referência a Deus, ao sagrado. É importante dar-se claramente conta de que sacral é denominação que se veio a atribuir ao mundo antigo quando começou a prevalecer a idéia moderna de que, mais importante do que a dependência de Deus, era a autonomia da razão e das coisas seculares por intermédio das quais o ser humano se afirmava humanamente.

Dentro desse contexto, a salvação cristã, dom de Deus, vinculado historicamente a Jesus, manter-se-ia presente no mundo, mais pela continuidade das instituições por ele estabelecidas, do que pela fidelidade do ser humano a si mesmo, tornada distinta e quase incompatível com a fidelidade a Deus. O ser humano e a sociedade se viam diante de uma alternativa inevitável: ou reconheciam a Deus e aceitavam depender inteiramente dele, submetendo-se a ele por intermédio de sua Igreja; ou se colocavam na perspectiva de sua plena realização, graças ao desenvolvimento da ciência, ao exercício da liberdade e à perseverante aplicação de seu próprio esforço.

Essa forma cristã de entender a salvação fundava a sacralidade do mundo, uma vez que Deus criador do universo e providência universal englobava todos os humanos e o ser humano inteiro, no seu desígnio de amor. Foi essa a perspectiva que prevaleceu na maneira católica de conceber a salvação. Mas também a forma protestante de entendê-la, embora se tenha mostrado menos recepti-

CONFERÊNCIAS MISSIONÁRIAS ECUMÊNICAS

ACRA, Gana 1958
MISSÃO E IGREJA —
ORGANIZAÇÕES INSEPARÁVEIS

Temas debatidos:

- Testemunho cristão na sociedade e na nação
- A fé cristã enfrentando a chamada à missão
- A Igreja Cristã e religiões não-cristãs
- O lugar e a função do missionário
- O que significa a "parceria na obediência"

Foi a última Conferência convocada pelo Concílio Missionário Internacional. A Conferência Missionária de Gana, como ficou conhecida, impactou não só os participantes, mas toda a missão mundial e sua história. Pela primeira vez foi dito de maneira clara aos europeus e aos norte-americanos: antes a missão tinha problemas, hoje, a missão, em si, é o problema.

Foi aceita a seguinte declaração: "A missão cristã neste momento a qual teve como ponto de partida: "A mis-

são cristã no mundo é de Cristo e não nossa."

Em Gana percebeu-se, também, o complicado que é trabalhar os problemas da Igreja na perspectiva missionária impositiva. Com a formação do Conselho Mundial de Igrejas (1948), as "jovens igrejas" sentiram-se fortalecidas e desejavam articular uma missiologia de igual para igual. Em Gana discutiu-se a integração do Concílio Missionário Internacional ao Conselho Mundial de Igrejas.

va e finalmente avessa ao mundo sacral, também não o rejeitou inteiramente, fundando a realização do desígnio de Deus e a plena atualização de tudo que o ser humano é chamado a ser, na confiança inabalável de que a Palavra de Deus cobre os nossos pecados e nos atribui a justiça, embora na realidade não deixemos por isso de ser pecadores. À sacralidade do universo e da instituição eclesial substituiu-se a sacralidade da Palavra, recebida na fé, capaz de transportar montanhas e de converter até mesmo as pedras em filhos de Abraão.

A salvação no mundo humanista

A evolução histórica, tanto do Catolicismo como do Protestantismo, vai evidenciar o alcance da ruptura habitualmente designada sob o termo de modernidade. O problema teológico da validade salvadora das mediações eclesiais, que dividiu a cristandade, tornou-se rapidamente uma questão de escola, a alimentar infundáveis e confusas controvérsias, que continuaram ainda por mais de dois séculos envolvidas com as questões políticas, alimentadas pelo desenvolvimento econômico europeu. Na realidade, desenvolvia-se um processo cultural mais profundo de seculari-

A evolução histórica, tanto do Catolicismo como do Protestantismo, vai evidenciar o alcance da ruptura habitualmente designada sob o termo de modernidade

zação e pluralismo progressivos, que só em nosso século virão a ser mais bem reconhecidos pela teologia.

À sacralidade católica se opôs, desde cedo, a secularidade institucional, contra a qual combateu a Igreja Romana pelo menos até o Vaticano II e que só deixou de ser considerada como a inimiga número um da religião quando se conseguiu desarmar seu mordente deslocando o centro da Igreja da instituição quase todo-poderosa, para a realidade comunitária do amor, fermento de salvação e de paz para toda a humanidade.

A sacralidade protestante, de Deus único servido, na fé pessoal e na relativização de toda mediação religiosa, descambou para o pluralismo das iniciativas religiosas ou eclesiais, que acabaram reduzindo a reli-

gião a uma questão de opção pessoal ou até mesmo de sentimento, compatível com a secularidade do mundo capitalista em expansão, mas cada vez mais desconhecadora da realidade objetiva, cósmica e histórica, da salvação cristã.

Poder-se-ia talvez dizer, forçando as tintas, que a quebra estrutural da unidade cristã, pela introdução do princípio chamado de livre exame e o engessamento da doutrina da salvação nas formas eclesiais então dominantes, fez com que se introduzisse uma dissociação profunda entre religião e história, salvação — entendida como dom particular de Deus à Igreja — e cultura — fruto do autodesenvolvimento humano —, criando a oportunidade conceitual de se pensar um mundo sem Deus e um deus que salva *do* mundo, em contradição consigo mesmo, como Criador do mundo. A responsabilidade cristã pelo varrimento de Deus e da transcendência na cultura contemporânea não é mais, *hélas*, segredo para ninguém!

Mas o ser humano histórico não pode viver sem sentido. Nem só de pão se vive! Desvinculado de Deus, que só se ocupa do além, relegado à variedade indefinida de suas próprias opções, o ser humano busca inevi-

*A responsabilidade cristã
pelo varrimento de Deus
e da transcendência na
cultura contemporânea
não é mais, hélas, segredo
para ninguém!*

tavelmente se afirmar como ser humano, e vai alimentando aos poucos, de maneira cada vez mais consciente e explícita, o projeto de um mundo, não só humano, mas feito pelos humanos e para os humanos. Deus se teria retirado para os aposentos íntimos do céu, confiando-nos a tarefa de construir um mundo nosso, para o qual, no máximo, deixou uma palavra de orientação, uma mensagem, um exemplo e um estímulo, na pessoa de Jesus, paradigma admirável das possibilidades humanas e penhor do sucesso final da humanidade que se conforme aos pensamentos e às iniciativas do Nazareno.

Desenha-se assim, para os próprios cristãos, herdeiros da modernidade — pois os não-cristãos procuram a salvação com outros nomes —, uma nova noção de salvação, que bem merece o qualificativo de humanista, por ser, em primeiro lugar, salvação do ser humano: salve a sua alma ou transforme o mundo. Embora venha de Deus, a salvação da alma ou a transformação do mundo se tornam o tesouro em que se coloca o coração. São objetivos a ser conseguidos pelo ser humano, ora pela ascese religiosa, ora pela luta política. A salvação se torna, quando muito, uma promessa de que nossos esforços não serão vãos e de que Deus há de estabelecer um dia seu Reino, no coroamento de nossas lutas.

PERSPECTIVAS DE ATUALIDADE

Mais alvissareira do que a redescoberta do sagrado ou o ressurgir da religiosidade, como se costuma di-

BÍBLIA E CULTURAS INDÍGENAS

No diálogo entre Bíblia e cultura, a Bíblia deve chegar com muita humildade, pois os povos indígenas têm vivido milhares de anos sem ela. Desde a conquista ocidental, têm sobrevivido graças à sua própria religião e cultura, em confronto com a Cristandade. Existe uma revelação profunda e significativa de Deus nas culturas antigas, o que desafia nossa interpretação da Bíblia. A evangelização, se quer ser libertadora e não conquistadora, deve começar sua obra escutando, discernindo e interpretando a presença e a revelação de Deus na cultura e religião indígenas.

Fonte: Pablo Richard, Revista *Pasos*, nº 66, julho-agosto de 1996.

zer, é a consciência vivida pelos homens e mulheres de hoje, de que não se tornará o mundo habitável e a humanidade sadia e feliz, vendo realizados todos os seus sonhos e aspirações mais profundos, pelo caminho da exploração exacerbada da natureza e dos outros, pela intensificação das lutas, pelo poder de dominação das coisas e das massas.

Pode-se dizer que o grande sinal de nossos tempos é a convicção, mais do que certeza científica, filosófica ou religiosa, de que a humanidade, a começar pelos jovens não infectados pelo vírus da insuficiência ética, quer paz e amor. Uma nova cultura se anuncia no íntimo dos que se sentem humanos e desejam conviver solidariamente, na liberdade, cultura que não inventa deuses para alimentar fanatismos desumanizantes nem aceita o sibirismo cultural dos que teimam em conceber a vida na base de suas próprias opções.

Ora, se assim é, podemos celebrar, por antecipação, uma nova uni-

dade, pós-moderna, se quisermos, entre salvação e culturas. O desejo de humanização presente no coração de todos os humanos, desejo de paz e de liberdade, é sinal inequívoco da ação do Espírito no mais íntimo de todos, é dom de Deus, salvação presente no mundo, na raiz mais profunda de todas as culturas.

Assim como os céus manifestam a glória de Deus, as múltiplas e diversíssimas maneiras de ser humano, integradas na história, longe de toldar, obscurecer, desviar, contrariar, negar ou trair, constituem todas, pelo melhor de si mesmas, formas efetivas da salvação querida por Deus, anunciada por Jesus que veio para salvar a todos e a tudo, e que o fez de fato, derramando seu Espírito na História.

Quando os cristãos compreendermos que Deus, a que chamamos Pai, é quem salva, compreenderemos também que nossa missão no mundo é testemunhar a salvação, em continuidade com Jesus, na unidade do Espírito. Apesar da diversidade das confissões, não há, para os humanos, outro caminho a seguir senão o da verdade do Evangelho e do amor, que, na realidade, é um só caminho, pois o amor inclui a verdade, o respeito mútuo dos direitos reconhecidos a todos, a justiça e a solidariedade, mas é, acima de tudo, sacramento, sinal e instrumento, da união com Deus e da comunhão com todos os humanos. É, pois, a salvação, a ser vivida na diversidade cultural, que caracteriza cada vez mais a humanidade de um mundo unificado e chamado à comunhão.

Francisco Catão, teólogo católico, doutor em teologia e professor no Instituto Pio XI, São Paulo.

CULTURA E JULGAMENTO

Robinson Cavalcanti

Dentre os movimentos gerados pela Reforma Protestante, destaca-se o movimento evangelical, consolidado neste século a partir dos processos de busca de unidade entre os cristãos. Com uma postura que enfatiza a missão da Igreja e o "Ide", ele privilegia a salvação como ponto central. E a relação com as culturas? O líder evangelical Robinson Cavalcanti indica as perspectivas sobre o tema

O evangelicalismo se caracteriza pela valorização da História da Igreja e, em particular, da História Confessional: a crença na ação do Espírito Santo, na compreensão das verdades sagradas contidas nos credos da Igreja indivisa e nos pontos convergentes das confissões de fé resultantes da Reforma Religiosa do século XVI.

O evangelicalismo advoga um acercamento sincero e reverente das Sagradas Escrituras (sem o literalismo dos fundamentalistas) e uma abertura para o papel auxiliar dos instrumentos filosóficos e científicos. Não considera a Bíblia como qualquer livro, mas como Palavra de Deus (*Dei Verbum*), relato último e autoritativo da Revelação (*Sola Scriptura*).

A partir dessas premissas, o evangelicalismo desenvolve uma

ontologia, pela qual se afirma o caráter único dos seres humanos, criados à imagem e semelhança de Deus (*imago Dei*), primícia da Criação, dotados de sentimento, razão, vontade, espírito e destinação eterna. Seres a quem o Criador outorgou um *mandato cultural*: a administração do mundo, segundo a sua vontade. Para o evangelicalismo, sem entrar em controvérsias quanto aos detalhes da narrativa, o *pecado original*, como ruptura da comunhão plena da criatura com o Criador, afetou especialmente a natureza humana em todas as suas dimensões.

Como seres caídos, as criaturas perderam o seu *status* de filhos e foram reduzidos ao de meras criaturas privilegiadas. O evangelicalismo afirma a "perdição" em que se encontram os seres humanos: conhecem a morte física, vêem-se vulneráveis diante das potestades espirituais da maldade, vivenciam o cotidiano do poder do pecado, a tirania do ego e das paixões, a ausência da paz interior, a falta de projetos coerentes e conseqüentes para a existência, o desastre do exercício do *mandato cultural*, pela construção de sistemas iníquos, e, por fim, podem encarar uma eternidade sem Deus.

Os sinais ou evidências, individuais ou sociais, da perdição não se podem ver confundir com a própria ou eludir o seu caráter ontológico/moral.

A conversão (*metanoia*) é a passagem da perdição para a salvação, que tem como conseqüências: o perdão dos pecados e a vida eterna com Deus; a vitória sobre os efeitos do pecado e o poder das trevas; a desco-

berta de dons, vocações e projetos existenciais de serviço no Reino de Deus; bem como a possibilidade de crescimento pessoal rumo à maturidade e à sanidade (santificação/cristificação).

SOLA GRATIA, SOLA FIDE, SOLUS CHRISTUS

A unicidade de Cristo se relaciona, de forma indissociável, com a unicidade da Igreja, não como instituição, mas como "povo de Deus", povo da aliança, vanguarda, sinal, antecipação do Reino, portadora do Evangelho e primícia da Nova Humanidade. Igreja de pessoas caídas/regeneradas, agente de transformação histórica e arauta da esperança em "um novo céu e uma nova terra".

Deus é o Senhor da História. É o Deus da Providência e da Graça Comum. O seu Reino não é igual à Igreja, mas a sua providência concedeu à Igreja um lugar único nesse Reino. Distingue-se na paternidade especial de Deus na Redenção. As diversas manifestações religiosas ao longo da História são evidências da busca (ainda que insuficientes) da re-ligação da criatura caída com o seu Criador.

Cristo torna soteriologicamente desnecessários e ultrapassados todos os sistemas religiosos da História. E o Cristo de Deus estava unicamente em Jesus de Nazaré. O Cristianismo — como sistema religioso, histórico e cultural — pode, e deve, interagir com os outros sistemas, e deles incorporar os elementos enriquecedores convergentes com a cruz ou que tornem mais acessíveis a compreensão da cruz e a vivência da fé.

Esta é a essência da sua catolicidade: uma fé de todos e para todos no Cristo ressuscitado.

Somente se pode falar em salvação quando se reconhece a perdição. A salvação é uma salvação *de* (um estado/situação) e uma salvação *para* (outro estado/situação diferente, melhor).

O evangelicalismo tem denunciado profeticamente as frustrantes tentativas humanas de sair da perdição e construir seus próprios caminhos de salvação: a) quando se assume o caráter inevitável e “natural” da situação; b) quando se nega e se ignora Deus e a eternidade; c) quando se proclama uma “anistia ampla, geral e irrestrita” (soteriologia universalista); d) quando se opta por “salvações substitutivas” (drogas, ideologias, sistemas); e) quando se nega a natureza do pecado; f) quando se busca uma salvação antropocêntrica (panteísmo, auto-ajuda, etc); ou g) quando se constroem sistemas religiosos (leis, ritos, costumes) que conduzem à auto-indulgência.

O evangelicalismo afirma a unicidade de Cristo. Deus manifesta o seu amor para com os seres humanos perdidos por meio da sua graça, que se materializa na encarnação, na expiação e na ressurreição de Jesus Cristo, único caminho de salvação para os seres humanos de todas as épocas e de todos os lugares: para os que tiveram a oportunidade de ouvir o Evangelho e optar, e para os que não tiveram essa oportunidade, mas cujas respostas, se tivessem ouvido a mensagem da cruz e do túmulo vazio, Deus, em sua onisciência, amor e justiça perfeita, conhece.

Há uma universalidade no Evangelho: ele se dirige a todos, e é “suficiente” para todos ele, porém, somente é “eficiente” para os que se arrependem e crêem, os que se convertem, os que se tornam novas criaturas. Deus respeita o dom da liberdade que deu aos seres humanos, inclusive a liberdade para rejeitá-lo e à salvação. Ninguém se salva se Deus

“A conversão não deve desaculturar o convertido”, mas deve viver criativamente a tensão inevitável entre permanência, integração, continuidade e ruptura

não quiser, mas Deus não salva ninguém que não quer se salvar.

A fé no Cristo é “religião de salvação”, mas é, também, e simultaneamente, “religião de libertação” das opressões pessoais e estruturais do pecado e “religião de resultados”, como cura dos dramas, carências e alienações pessoais do cotidiano.

Na sua radicalidade trinitária o evangelicalismo confessa a ação histórica do Espírito Santo no convencimento dos pecadores, na consolação da graça e na concessão de discernimento e poder para a tarefa missionária do povo de Deus.

A TEOLOGIA DE LAUSANNE

O maior evento histórico do evangelicalismo, o Congresso Internacional para a Evangelização Mundial (Lausanne, 1974), reconhecendo as mais amplas implicações socioeconômicas do Evangelho, não as confunde com “salvação”. Em seu item 10 trata de “Evangelho e Cultura”, condena a vinculação do Evangelho a culturas particulares, afirma não haver culturas superiores ou inferiores e defende que as igrejas devem ser “profundamente enraizadas em Cristo e relacionadas com a sua cultura”. Defende o julgamento das culturas por valores absolutos revelados e advoga que, em humildade, os evangelistas e as igrejas devem “procurar transformar as culturas e enriquecê-las para a glória de Deus”.

O encontro sobre “Evangelho e Cultura” promovido conjuntamente pela Comissão de Lausanne para a Evangelização Mundial (LCWE) e a Aliança Evangélica Mundial (WEF), Ilhas Bermudas, 1978, produziu o *Willowbank Report*, na qual reconhece que as culturas não são estáticas, mas em contínuo processo de



Conferência Internacional de Evangelistas, Amsterdã, 1986

mudança. Condena tanto o provincialismo quanto o sincretismo, e advoga para a Igreja, um modelo encarnacional. Defende que "a conversão não deve desaculturar o convertido", mas deve viver criativamente a tensão inevitável entre permanência, integração, continuidade e ruptura.

Deplora o pessimismo e o derrotismo, bem como o otimismo ingênuo quanto aos resultados da participação cristã na cultura. Permanecer integrado à sua cultura é tido como um ato de obediência, com muitos resultados positivos.

O evangelicalismo deplora as atitudes etnocidas do passado e a ausência de sensibilidade transcultural do presente, o preconceito contra a Antropologia Cultural e a vinculação, tantas vezes, da empresa missionária com o imperialismo. Mas, também, chama a atenção para a impossibilidade de se cobrarem do passado atitudes que pressuponham conhecimentos que apenas temos no presente.

Ao apontar para a marca tanto da *imago dei* quanto do pecado nas diversas culturas, resultando nas ambigüidades do atual estado da natureza humana, o evangelicalismo condena tanto a divinização quanto a demonização de culturas, e afirma que todos devem estar sob o juízo de Deus, sob o paradigma dos valores do Reino, dos quais se aproxima ou se distancia.

A arrogância ocidental não pode ser substituída por um mórbido e paralisante complexo de culpa, e o etnocídio não deve ser substituído pelo mito rousseauiano do "bom selvagem". John Stott afirma que a conversão nunca se dá em um vácuo cultural, e o Pacto de Lausanne estatui que o Espírito Santo "... ilumina o povo de Deus em cada cultura para perceber atualizadamente sua verdade através dos seus próprios olhos".

OS LATINO-AMERICANOS

O evangelicalismo deste continente, articulado na Fraternidade Teológica

CONFERÊNCIAS MISSIONÁRIAS ECUMÊNICAS

CIDADE DO MÉXICO, México 1963 TESTEMUNHO EM SEIS CONTINENTES

Temas debatidos:

- A missão de Deus é uma tarefa
- Desenvolvimento econômico numa perspectiva mundial
- O testemunho dos cristãos aos homens num mundo secularizado
- O testemunho da congregação na vizinhança
- O testemunho dos cristãos para além das fronteiras nacionais e confessionais

Em 1961 realizou-se a terceira Assembleia Geral do CMI em Nova Déli, Índia, ocasião em que o Concílio Mis-

sionário Internacional integrou-se ao CMI e o trabalho das Missões foi entregue a um novo departamento chamado Comissão Mundial de Missão e Evangelismo. Essa Comissão dá continuidade à trajetória das Conferências de Missões Mundiais iniciadas em Edimburgo (1910), realizando as chamadas Conferências Mundiais de Missão e Evangelismo. A primeira desta nova série foi realizada no México em 1963, sendo este o primeiro evento ecumênico de tal magnitude realizado na América Latina. A partir da Conferência do México fala-se em Missão Mundial em vez de Missão Ocidental e sobre a missão nos seis continentes.

*A arrogância ocidental
não pode ser substituída
por um mórbido e
paralisante complexo de
culpa, e o etnocídio não
deve ser substituído pelo
mito rousseauiano
do "bom selvagem"*

Latino-americana (FTL) tem denunciado o "embranquecimento" dos negros e dos índios convertidos, seu desenraizamento cultural e perda de identidade, bem como a anglosaxonização dos convertidos brancos e mestiços. Temos deplorado o surgimento de subculturas protestantes isolacionistas, misto de legalismo fundamentalista e tradicionalismo ibero-católico pré-moderno.

Temos chamado a atenção para a necessidade de uma abertura para as ferramentas das Ciências Sociais, para a necessidade de uma espiritua-

lidade integral e uma missão integral, para a reafirmação do Estado laico, democrático, pluralista e multicultural. Temos advogado o respeito mútuo entre cidadãos divergentes, mas civicamente co-beligerantes, ao mesmo tempo que negamos o relativismo e o impedimento em compartilharmos a mensagem da cruz.

A tradição fundamentalista do etnocídio e a tradição liberal do universalismo/relativismo/ecumenismo ampliado podem parecer soluções simétricas ou fáceis, mas dificilmente são sustentáveis à luz das Sagradas Escrituras e do testemunho apostólico, ou fiéis à memória dos mártires.

A Igreja "de todas as culturas para todas as culturas", no inegociável apego ao túmulo vazio, é tarefa difícil, mas único caminho adequado para uma salvação das culturas, nas culturas e para as culturas.

Robinson Cavalcanti, ministro anglicano, cientista político e professor da UFPE.

CULTURA E SALVAÇÃO: O PONTO DE VISTA DO POVO DE SANTO

Ordep Serra e Marina Martinelli

Nos cultos afro-brasileiros, particularmente no Candomblé, a idéia de salvação não se associa diretamente com a da remissão de pecados, mas a um contínuo esforço de retornar às fontes da criação. A recordação de que em nome da salvação de suas almas os antepassados africanos sofreram violências, degradação, anulação da sua cultura ainda marca negativamente a proposta cristã

Falar de salvação é um desafio, quando se têm em vista diferentes culturas religiosas. Na verdade, a relação entre salvação e cultura só pode ser bem examinada quando se leva em conta o problema do diálogo inter-religioso. Talvez o mais adequado seja começar indagando, simplesmente, o que é salvação.

Em nosso meio, quando se fala nesta palavra, pensa-se logo na mensagem cristã. À primeira vista, parece mesmo que a idéia de salvação é um bem exclusivo do Cristianismo. Haverá uma soteriologia fora do mundo cristão?

Claro que esta pergunta só pode ser respondida negativamente... quando se parte da idéia de salvação, no que ela tem de mais característico.

ROMPER O CÍRCULO

Mas assim se traça um círculo vicioso. É preciso romper a prisão desse círculo para que um verdadeiro diálogo sobre o assunto possa surgir e avançar.

Em são juízo, ninguém negará a originalidade da doutrina cristã sobre a salvação. Mas dizer que “só Cristo salva” é fechar a porta do diálogo e, no mínimo, sobrecarregar o Nazareno... Quem sabe, até, comprometer Jesus com uma espécie de chauvinismo que ele não aprovaria. Dá até pra desconfiar de uma coisa: quem diz que “só Cristo salva” não está pensando em Cristo, mas em suas próprias receitas e no interesse de impô-las a todo o mundo, em detrimento do amor universal que Jesus pregava e que envolve respeito pelos outros.

ANTES DO CRISTIANISMO

Por outro lado achamos que não é só o Cristianismo que possui uma soteriologia da humanidade de suas dores e enganos?

Por certo a mensagem budista não se confunde com a cristã. Mas as duas soteriologias sem dúvida podem encontrar-se e coincidir no mais profundo.

Antes que o Cristianismo aparecesse no mundo, outras religiões já se preocupavam, de diferentes modos, com a idéia da salvação. A própria palavra “salvação” vem do latim *salus*, e todos se lembram de que *salus* tinha um culto na Roma antiga. Nessa época, salvar não significava, fundamentalmente, resgatar do pecado e garantir uma vida de felicidade

eterna. Havia, porém, um claro sentimento de que era necessário invocar a mediação divina para que os homens se livrassem de seus males e angústias.

Podemos começar por aí: talvez não haja religião digna desse nome que não procure, de algum modo, encontrar cura para as aflições e limitações dos seres humanos. No mundo dos cultos afro-brasileiros, em particular do Candomblé, a idéia de salvação não está associada de forma direta com a da supressão do pecado. Mas existe o sentimento de que é preciso recorrer a Deus e aos orixás para superar a miséria humana.

CANDOMBLÉ

No mundo do Candomblé, procura-se a salvação por meio de um contínuo esforço no sentido de retornar às fontes da criação, e por isso tem um poder regenerador, salvador.

O povo de santo não acha que o mundo esteja perdido, mas pensa que os seres humanos se perdem quando lhes falta a lembrança de sua origem divina. A luta pela salvação, entendida como a busca das forças que recordam essa origem, dá-se no cotidiano, no esforço de fugir à pobreza, à doença, aos infortúnios, à solidão, à mesquinhez e ao tédio. Homens e mulheres de carne e osso têm necessidades, carências amorosas, aflições. Sem levar em conta essas coisas, não é justo, da perspectiva do povo de santo, falar de “salvação” em termos abstratos.

Na verdade, a palavra “salvação” não é muito usada nos terreiros. Aí,

“salvar” significa simplesmente “saudar”. Um cristão que visita um templo de culto afro-brasileiro pode ficar muito espantado, pois logo ouvirá alguém dizer que é preciso sempre “salvar” Deus e os orixás.

Isso é mais importante do que tudo.

Quem sempre salva Deus e os orixás fica a salvo de muitas desgraças.

Nós nos perguntamos por que é que a palavra salvação, tal como é usada pelos cristãos, ficou à margem do vocabulário dos terreiros, mesmo daqueles que mais se aproximam das igrejas cristãs. Talvez isto tenha acontecido pela graça de Deus. Pois o povo afro-brasileiro tinha todas as razões do mundo para associar a palavra salvação, aprendida na catequese forçada de seus avós, com tudo o que há de ruim, pernicioso, sinistro.

Em nome da salvação de suas almas, nossos antepassados sofreram as piores violências, a degradação, o rebaixamento a uma condição subumana. Com o batismo imposto pelos salvadores, recebiam logo as primeiras chicotadas, as marcas de ferro em brasa, a redução à condição de mercadorias e a condenação a um trabalho forçado pela vida inteira. No mesmo ato perdiam logo o seu

CONFERÊNCIAS MISSIONÁRIAS ECUMÊNICAS

BANGCOC, Tailândia. 1972
SALVAÇÃO HOJE

Temas debatidos:

- Cultura e identidade
- Salvação e justiça social numa humanidade dividida
- Igrejas renovadas na missão

Essa Conferência refletiu a polarização ideológica dos conturbados anos de 1970, herdeira dos tristes e lamentáveis anos de ditaduras mili-

tares da década de 1960. Os participantes, oriundos de 69 países e de diversas confissões cristãs, debruçaram-se sobre o tema: “A salvação hoje” e refletiram sobre “Cultura e Identidade”, “Salvação e Justiça Social” e “As Igrejas Renovadas em Missão”. Bangcoc fez história pelas suas propostas, pela coragem e pelo compromisso. Acusam-na de ter sido extremamente verticalista e ter conceituado a “salvação” como algo extremamente social.

nome de origem e o direito de considerar-se gente.

A exigência da salvação vinha também com a de abandonar a própria cultura. Ela os deixava na miséria mais completa, tanto material quanto espiritual.

Ainda hoje, são muitos os que querem convencer o povo afro-brasileiro de que ele só tem salvação deixando de ser quem é: abandonando sua memória, seus valores, as riquezas de sua cultura, e até a própria pele: humilhando-se e envergonhando-se de sua origem, de sua natureza, e de tudo o que Deus lhe deu.

DIÁLOGO

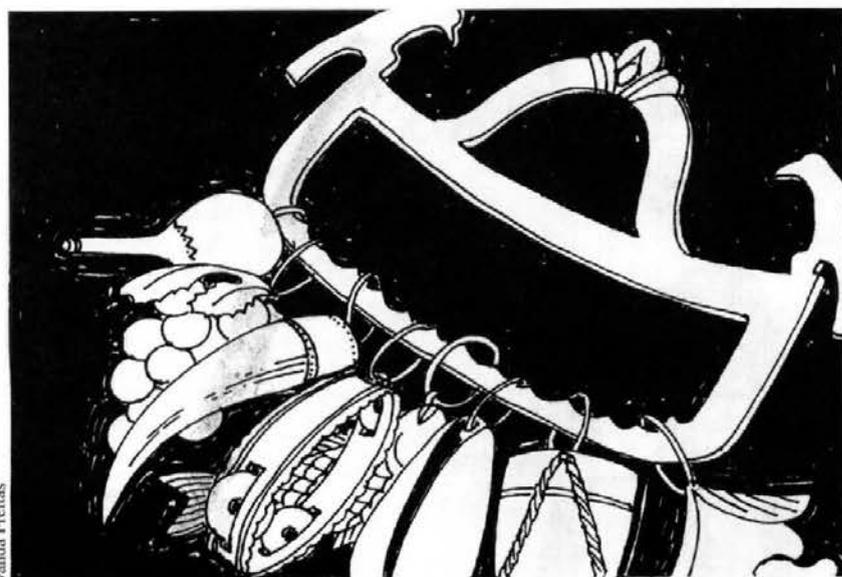
Sobre este assunto, nos agradaria imensamente um diálogo com os cristãos. Mas um diálogo sério, honesto, de olho, de igual para igual. A idéia cristã da salvação é bela e generosa, mas os resultados de sua pregação foram sinistros, não só no Brasil, como em todo mundo.

Pensem no que aconteceu com os povos indígenas das Américas (dizem “pensem” porque poucos restaram para contar, por si mesmos, essa triste história; mas ouçam também os que ficaram). Pensem no genocídio de inúmeros povos, realizado à sombra dos evangelhos. Ao falar em “salvação e cultura” lembrem-se de quantas culturas desapareceram por conta da “salvação”.

Repetimos que a idéia da salvação cristã é muito bela e generosa, mas alguma coisa desvirtuou-se no momento de pô-la em prática. Talvez na hora de tentar salvá-la, se é que tem jeito.

Nos terreiros aprendemos que, quando as coisas degeneram, é preciso começar tudo de novo pelas mãos do criador. “Salvando” Deus... que é o mais importante.

Ordep Serra, antropólogo, professor da UFBA. **Marina Martinelli**, estudante e atriz.



ARDIS DE SALVAÇÃO: DE BABEL AO BELELÉU!

Paulo Botas

A história recente, com todos os avanços científicos e tecnológicos, tem oferecido projetos de salvação. Diversas são as expressões culturais que respondem a esse processo. Paulo Botas contribui para esta reflexão, tomando como elemento provocador o mito da Torre de Babel, que demonstra estar bem presente em nossos dias

Todos estes fatos que ocorreram aqui são graças reservadas para os últimos dias. Meu Divino Filho condescendeu em punir a humanidade e pôr um fim ao mundo... a despeito de minhas preces ferventes... Ele responde que não pode mais desistir. É chegado o tempo para Ele punir a Humanidade. (Beata Maria Araújo, Juazeiro, 1891)

Nestes momentos de profunda revisão sobre a vida espiritual e eclesial, temas como salvação nos impelem a uma reflexão mais ampla sobretudo considerando a enormidade de expressões religiosas, espirituais, esotéricas, holísticas, renovadoras e outras tantas coisas mais que aportaram na nossa praia nestas últimas décadas. Nossas instituições históricas se debatem entre avanços da tecnologia e os novos comportamentos morais, éticos e afetivos aos que deviam repassar a dogmática e “imexível” doutrina que, sem nenhu-

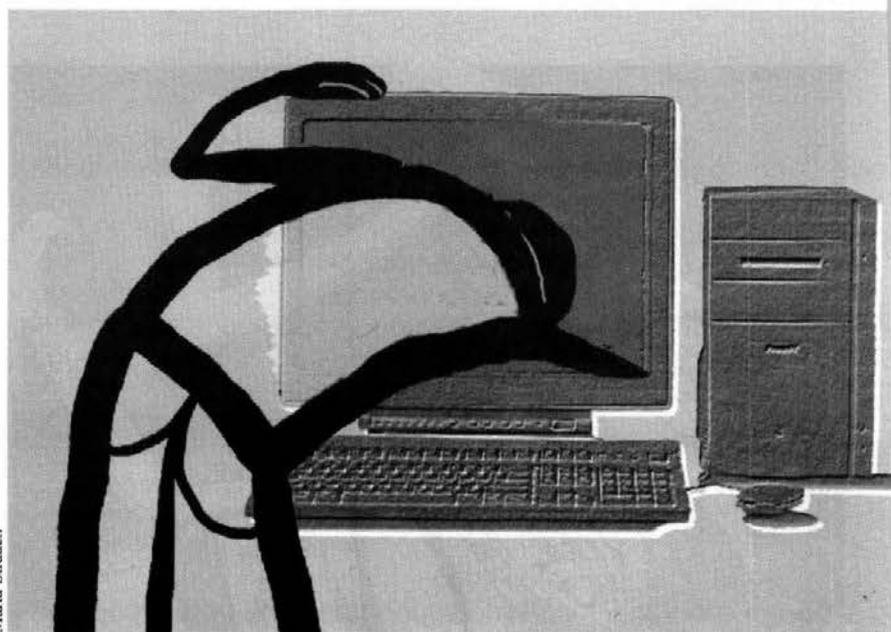
ma sombra de dúvidas, explicaria o grande dilema: “O que somos? De onde viemos? Para onde vamos???”

Este texto pretende pontuar momentos na história recente em que a eficiência e a eficácia religiosas não estiveram desligadas de um projeto político específico e de uma condução hegemônica para a tão almejada salvação que, apesar de tão longe, sempre parece estar tão imediata e já chegada.

Toda a religiosidade popular é basicamente marcada pela busca de restauração da saúde, de harmonização entre as pessoas e famílias, pelas promessas ligadas ao desejo de milagres e pela penitência e desejo de salvação.

As teofanias são esperadas ime-

diatamente, e quanto mais imediatas, maior o “poder espiritual” dos que as fazem acontecer. Estas “salvações” são sempre individuais e as “graças recebidas” estão na razão direta da honestidade de intenção dos que as procuram. É importante notar que, coincidentemente ou não, as pessoas possuídas por este dom mediúnico são na sua maioria extremamente simples, pobres, algumas vezes analfabetas, mas com uma forte vivência espiritual cuja sabedoria vem da simplicidade e do despojamento das suas vidas. Não são dadas a prognósticos públicos nem à exploração, pela mídia, das suas capacidades espirituais. Antes, mais servem do que são servidas. Seria isto um sinal de santidade sacerdotal?



Marta Strauch

CONFERÊNCIAS MISSIONÁRIAS ECUMÊNICAS

MELBOURNE, Austrália. 1980
VENHA O TEU REINO

Temas debatidos:

- Boas-vindas para o pobre
- O Reino de Deus e as lutas humanas
- A Igreja proclama o Reino
- Cristo — crucificado e ressuscitado — transforma o poder humano

Estudou-se o Reino de Deus e os seus destinatários. A preocupação central em Melbourne foi com o po-

bre. A Conferência foi, também, uma espécie de "reação a Bangcoc num estilo evangélico". Refletiu-se sobre a "Missão holística", ou seja, integral, que contemple todos os aspectos, não só o social. Destacou-se que na missão faz-se necessário mencionar o nome de Jesus e deu-se ênfase ao culto divino, à oração e à eucaristia. Não se esqueceram do aspecto político e social e enfatizou-se a necessidade de levar as "Boas-Novas aos pobres".

Esses ingredientes têm sido determinantes nas expressões culturais em que a busca de salvação tem se exprimido das maneiras mais diversas possíveis. A manipulação religiosa, política ou mesmo político-religiosa constrói uma teia onde emaranhados se escondem debaixo das "boas intenções", nem sempre tão bem intencionadas.

*...pois os agentes de pastoral que começaram a promover a religião popular não acreditavam nela para si próprios. Faziam de conta que acreditavam, mas não acreditavam. Esta falta de fé repercutia no próprio povo. Praticavam esta religião não pelo seu valor intrínseco, religioso, mas pelos efeitos políticos que se lhe atribuíam com ou sem razão — mais provavelmente sem razão. (COMBLIN, José. *Cristãos rumo ao século XXI*, Ed. Paulus, SP, 1996, p.104.)*

BABEL: O FALTO HUMANO COLETIVO

O mito de Babel será o nosso pano de fundo para discorrermos sobre esses tropeços na caminhada, quando desejos de salvação, sonhos de liberdade, rupturas de burocracias, conflitos de poder e, sobretudo, uma forte mistificação, têm sido depurados pela própria História que não é um processo único, nem unificado, mas é feita de interferências de muitas evoluções que não são nem paralelas, nem simultâneas. A História é diversidade: diversidade de forças e diversidade imposta pela geografia e pelo passado. (Idem *ibidem*, p.341.)

O mito da Torre de Babel (Gênesis 11.1-9) encontra suas fontes em diversas tribos da África: nos A-Louyi, do Alto Zambeze; nos Bambala, do Congo; e nas tribos de Mkulwe, no este da África. Todos têm em comum uma construção alta que chegue ora ao céu, ora ao sol, ora à lua a partir da fixação de troncos um após os outros, sucessivamente, até o momento em que tudo vem abaixo. No Gênesis, a construção da Torre foi movida pelo desejo de perpetuar o nome pelas gerações vindouras e impedir que os habitantes da cidade chegassem a se dispersar por toda a superfície da terra. Essa torre fálica, poder ereto, seria a referência única para a permanente volta de quem se houvesse afastado além dos limites da cidade.

Imaginemos o impacto para os nômades semitas acabados de chegar da solidão e do silêncio do deserto, a visão de uma grande cidade. O burburinho das ruas e bazares, as cores da multidão em suas vestes múltiplas, as línguas estranhas e os imponentes edifícios e a altura dos seus templos, terraço após terraço até atingirem o cume, onde ladrilhos brilhantes competiam com a luz fulgurante do sol.

Não devemos nos assustar se os que até aquele momento moraram toda a sua vida em tendas tomassem por seres próximos aos deuses, os que ascendiam ao pináculo das magníficas construções com suas rampas em espiral, buscando atingir o mais alto e onde os de baixo apareciam como titicas moventes.

Deus condena a arrogância expressa na negação da diversidade — a língua comum — e o desejo de salvação arraigado na segurança imediata de controle total sobre o mundo, suas forças, seus impulsos e seus desejos.

Babel, que o folclore exegético traduziu como confusão, não vem do verbo hebreu *balal*, nem do arameu *babel*, mas sim de *bab-il* ou *babilu* que significa Porta de Deus. A busca da onisciência e da onipotência que dominariam todo um povo parece ser uma tônica na história das humanidades. Dizem que a torre chegou a ser tão alta que um pedreiro necessitou um ano para subir ao cume com seus ladrilhos. E a falta de solidariedade humana, com a obsessão da construção de Babel, foi tão evidente que se o pedreiro caísse no meio do caminho o que seria pranteado seria a perda dos ladrilhos e o atraso im-

posto na ganância de se atingir o mais-alto. As mulheres não interrompiam o seu trabalho de fabricação de ladrilhos nem para dar à luz; nem os homens cessavam o seu esforço fosse noite ou dia. E quando estavam em altura, mareantes de Babel disparavam flechas para o céu que caíam de volta molhadas de sangue e lançavam gritos de triunfo dizendo: "Matamos os que habitam o céu". Mal sabiam eles, na sua cegueira compulsiva, que matavam seus irmãos que estavam mais acima construindo a torre.

A torre foi destruída, dizem, pelos anjos conselheiros de Deus. O lugar em que se levantava a torre jamais perdeu sua característica peculiar: todo aquele que por ali passa esquece tudo o que sabe.

A falta de memória, o esquecimento do passado e da História deixa a cultura fragilizada, e uma cultura fragilizada é presa fácil para ilusões de liberdade e de civilização. Ritos são substituídos e se perdem as conquistas de séculos de tradição e valorização artística, religiosa e cultural. A negação da pluralidade e da diversidade na imposição de um único modo de ser, de pensar e de agir.

Sinal dos tempos é a peregrinação obrigatória das classes médias ao santuário da Disneylandia, em Orlando, onde se encontra a exposição de toda a mitologia da cultura norte-americana. As multidões não vão por curiosidade, mas como a um santuário para aprender a arte de viver, aprender o modo americano de ser. É uma verdadeira iniciação. (Idem, ibidem, p.265.)

Somente a título de curiosidade sobre como a ciência explicou a diversidade das línguas e os preconceitos existentes entre os diversos "cientistas", saibam que um deles provou que Adão falou em basco. Outros introduziram a confusão das línguas no jardim do Éden, onde Adão e Eva falaram em persa, a serpente em árabe e o afável arcanjo Gabriel conversou com nossos pri-

Toda a religiosidade popular é basicamente marcada pela busca de restauração da saúde, de harmonização entre as pessoas e famílias, pelas promessas ligadas ao desejo de salvação

meiros pais em turco. Mais atualmente, outro cientista afirmou categoricamente que o Todo-Poderoso falou com Adão em sueco, que Adão respondeu em danês e que a serpente, pasmem, tentara Eva em francês. Ah!!! *quelle belle époque...*e haja Babel pra tanta asneira científica.

BABELINTERNET:

WWW.MUNDO@SÓ/BELELÉU

Neste quase terceiro milênio, andamos estranhando notícias vindas de todo o mundo sobre seqüestros de crianças por crianças, assassinatos de crianças por crianças, acesso aos arquivos secretos de grandes empresas e governos por jovens informáticos, etc. Imoralidade? Falta de ética? Paremos um pouco e pensemos...

As crianças, desde o surgimento do videogame, têm podido viver emoções verdadeiras diante da tela do visor. Jogos de guerra e de uma competição desenfreada os levam, compulsivamente, a querer vencer e ter sucesso custe o que custar.

Como se resolvem as dificuldades? De uma maneira muito simples: destroem-se os obstáculos sejam eles quais forem: muros, pontes, feras e seres humanos...

Toda essa emoção e sensação de felicidade ao chegar ao sucesso é vivida na solidão do seu quarto, onde, virtualmente, poderá fazer até sexo virtual e ter prazer com os seus programas de vídeo ou mesmo se plugar e navegar pelo mundo da Internet, em intercâmbios eróticos assexua-

dos mas genitalizados no fragmento do seu próprio corpo.

Estar ilhado do convívio social é um requisito para usufruir dos meios eletrônicos. O isolamento é uma premissa da interatividade de que tanto se fala que se tornou um objeto do desejo da sociedade de consumo, ou melhor, das ilhas de consumo de nosso tempo. (BUCCI, Eugenio — "O Assédio Eletrônico" — in *Libertinos e Libertários*, Companhia das Letras, 196, SP, pp.345-368.)

Não há nenhum aprendizado dialógico ou de reconhecimento "do outro" como diferente. As escolas de primeiro grau já iniciam os seus alunos neste mundo maravilhoso, onde podem navegar no seu isolamento e começam, desde cedo, a disputar sua hora e a sua vez, não na vida, mas na tela do computador. O futuro homem ou mulher que esta criança se tornará resume-se numa única palavra neste pós-modernismo do mundo: executivo. Vida sem tréguas e de uma rivalidade permanente, pois o jogo é de todos contra todos e quem chegar atrasado perde. O executivo é medido pela sua capacidade de seduzir e convencer para o consumo daquilo que vende. Ele não pode fracassar e tem um pânico de perder. Não pode nem deve ter pensamentos nem sentimentos próprios, apenas os aprendidos nos treinamentos de QT (qualidade total).

Sua vida reduz-se ao pontual: sem passado e sem futuro, mas sobretudo, sem consistência.

Não é estranho que os executivos tenham profundas crises de identidade. Estão sujeitos ao estresse, a psicoses e neuroses provocadas por uma sensação de vazio, de falta de sentido — o que se chama narcisismo. O executivo já não sabe quem é. Aparentemente é a pessoa mais livre da terra, mas não sabe por que nem para que é livre. Ele deve vencer. Se perder, a sua vida não tem mais sentido. Vive correndo atrás de ilusões para não ter que constatar que a sua vida está se esvaindo, sem sentido.

CONFERÊNCIAS MISSIONÁRIAS ECUMÊNICAS

SAN ANTONIO, EUA 1989
SEJA FEITA A TUA VONTADE:
MISSÃO À MANEIRA DE CRISTO

Temas debatidos:

- Volta ao Deus vivo
- Participação no sofrimento e na luta
- A terra é do Senhor
- Para comunidades renovadas em missão

Buscando certa continuidade com Melbourne, o tema da Décima Conferência de Missão e Evangelismo em San Antonio buscou inspiração, também, na oração do Pai Nosso: "Seja feita a Tua vontade: missão à maneira de Cristo."

Paralelo à conferência aconteceu um encontro de estudantes cristãos com 450 participantes. San Antonio foi um fórum sobre Missão, na opinião de muitos uma grande feira ou um grande circo (no sentido positivo da palavra). Garantiu-se a presença oficial de 43% da participação para as mulheres. Incentivou-se a participação de leigos e não só "funcionários da missão". Valorizaram-se as expressões autóctones e o clima tenso, provocado pela polarização ideológica e teológica, se não foi superado, foi, pelos menos, vivenciado de maneira diferente. Em San Antonio houve menos papel e mais prática, houve celebração da fé e nem tantas "discussões estéreis", apontou-se para uma

nova realidade emergencial da missão. Em San Antonio iniciou-se oficialmente um diálogo entre evangélicos e ecumênicos, tendo em vista a missão da Igreja. Sem dúvida nenhuma, a grande contribuição de San Antonio foi colocar novamente na agenda da missão e das Igrejas a questão da cultura e sua relação com o Evangelho e a evangelização.

A cidade escolhida, San Antonio, nos Estados Unidos, tem uma população majoritariamente de fala espanhola e fica perto da fronteira com o México. A Conferência foi realizada às vésperas dos 500 anos da conquista da América e lembrou a maneira violenta como a missão cristã destruiu as culturas autóctones.

Tem que compensar essa falta de sentido por uma representação contínua. Tem que desempenhar uma personagem. (COMBLIN, José — op. cit. p.317.)

As escolas e as universidades não formam mais cidadãos, mas futuros consumidores das grandes empresas porque, cada vez mais, no mundo da informática não se precisa de trabalhadores.

A Babel da Internet nos traz, finalmente, a ilusão da salvação. A máxima "Salva tua Alma" encontrou na informática a sua possibilidade mais próxima da realização. Fomos educados no "Cada um por si e Deus por todos" e estamos caminhando a passos largos para essa fantástica realização. Acessamos o mundo, e todos os plugados — sem distinção de raça, cor, sexo ou religião — estão com a mesma língua, o inglês, bastando apenas saber os seus rudimentos e os procedimentos codificados que deles decorrem. Comemos, depois de milênios, da árvore da ciência que estava plantada no Paraíso e proibida aos homens e mulheres

A falta de memória, o esquecimento do passado e da História deixa a cultura fragilizada, e uma cultura fragilizada é presa fácil para ilusões de liberdade e civilização

por Deus. Temos a ilusão da totalidade do conhecimento imediato e de que dominamos toda a ciência com onipotência, desde que nossos equipamentos sejam de "última geração". Somos salvos porque saímos do analfabetismo dos livros, das máquinas de escrever, das visões totalizadoras necessárias para se chegar ao âmago das questões. Basta clicar o ícone certo e lá estamos nós navegando na nossa pseudo-onisciência e onipotência. Temos o "poder" sobre o mundo e sobre os não-informáticos que deverão ser excluídos do convívio dos detentores avançados

da tecnologia. Podemos julgar e decidir definitivamente como, até hoje, só coube ao Todo-Poderoso. Não precisamos mais das relações comunitárias nem das pessoas para amar. Podemos amar virtualmente, gozar virtualmente e nossa religião poderá reduzir-se ao mero descobrimento dos nossos anjos particulares, nossos gnomos individuais, nossas pedras da sorte, da saúde, da felicidade e do dinheiro. Holismos, novas eras, terceiros milênios, tudo isto poderá ser consumido na *minha* liberdade individual e solitária.

É interessante notar que muitos católicos que descobrem a Nova Era se sentem aliviados, como se ficassem livres de constrangimento. Sentiam o sistema católico como uma imposição sem sentido, sem finalidade, porque as mediações (sacramentos, culto, doutrina, clero, preceitos morais) não conduzem para a experiência de Deus, não oferecem nada à pessoa e parecem operar de modo mágico ou, então, puramente administrativo como se a salvação viesse no final de uma série de formali-

Navegar na Internet significa que ninguém conversa com ninguém, mas que nossas almas estão salvas porque temos acesso ao mundo da competição e do mercado

dades. (COMBLIN, José. *Ibidem* p.327.)

Na Internet, estamos no mundo todo, com todos e com tudo. Ela está em toda a parte, como Deus. Por isso, a religião mais coerente para esta nova era é a da *Nova Era*, cujo nome não é nada gratuito. Nesta religião, Deus está em tudo, presente em tudo, é tudo. Deus é Energia e poderá ser encontrado dentro de nós por meio da interiorização. Em linguagem informática: Deus é um *No-break* que não deixa o sistema se perder, que nos dá tempo para salvar o que deve ser salvo, para deletar, para sempre, o que deve sumir do nosso *winchester*. Para isto, basta o nosso domínio interior — quanto mais isolado melhor — de toda caminhada tecnológica que nos conduzirá ao absoluto poder sobre tudo o que acontece no mundo e com seus habitantes. Basta a troca de informações, mas não a troca de vivências ou experiências. Existem apenas os sujeitos virtualizados, sem inter-relações mas interalienações. Um Juízo Final, *hic et nunc*...

Somos cobrados e assediados todo o tempo pela informática. Promete nos servir, via Internet, mas antes cobra de nós um pacto: que sirvamos primeiro a ela, com um gesto de aproximação: compre um computador com Internet...

Cobra de nós uma conversão, uma conversão quase mística: é preciso aderir.

Estar cada vez mais comprometido com os meios eletrônicos tornou-se um pressuposto do que entende-

mos como cidadania, chega a ser um passaporte para a realização pessoal de cada um. É motivo de comemoração, deslumbramento e celebrações entre os novos usuários dos novos meios. (BUCCI, Eugenio, op. cit. p.352.)

Navegar na Internet significa que ninguém conversa com ninguém, mas que nossas almas estão salvas porque temos acesso ao mundo da competição e do mercado. Mas este mundo não basta só competir, mas vencer. E vencer implica carregar uma marca que será a triunfante no mercado. Mesmo no esporte isto se manifesta. Acabada a guerra fria olímpica entre EUA e URSS, o que acaba existindo é o atleta individual. Ele não representa mais o seu país, representa uma marca. Seja de tênis, roupa ou outro produto qualquer. Ele só ganhará dinheiro enquanto vencer, por isso tem que vencer de qualquer maneira.

Reforçando a minha hipótese do efeito ilha, teríamos milhões de seres isolados cujas intimidades se desprenderam para dentro dos chips, e hoje trafegam na rede internacionalizada de computadores, nos monitores de TV, nas linhas telefônicas. Com a virtualização do sujeito, desaparece portanto a noção original de intimidade. Em seu lugar, brota uma outra. A dos genitais sem dono, a das fantasias anônimas, que não são de ninguém e são de todos, a da fornicção estéril, ascética e segura, como a que se prega depois da AIDS. Sem contato físico. Sem riscos de vírus. Ou melhor, só o seu computador corre esse risco. (BUCCI, Eugenio, op. cit. p.364.)

Mas... como em Babel, os que pensavam ter a Porta do Céu começam a pagar o seu preço. A *Folha de São Paulo* (1/6/96) traz uma pequena nota quase imperceptível: a de que “os sintomas do vício na Internet são o aumento do isolamento social, tiques nos dedos que ativam o monitor, visão turva e queixas da família”.

No entanto, do ponto de vista empresarial isto pouco importa. A humanidade, a natureza e o futuro de ambas são espaços economicamente vazios para além do cálculo de custos, nos quais os “excrementos da produção” desaparecem sem deixar vestígios. Devemos nos libertar deste demoníaco mercado e reencontrar novas formas de relação entre homem e natureza.

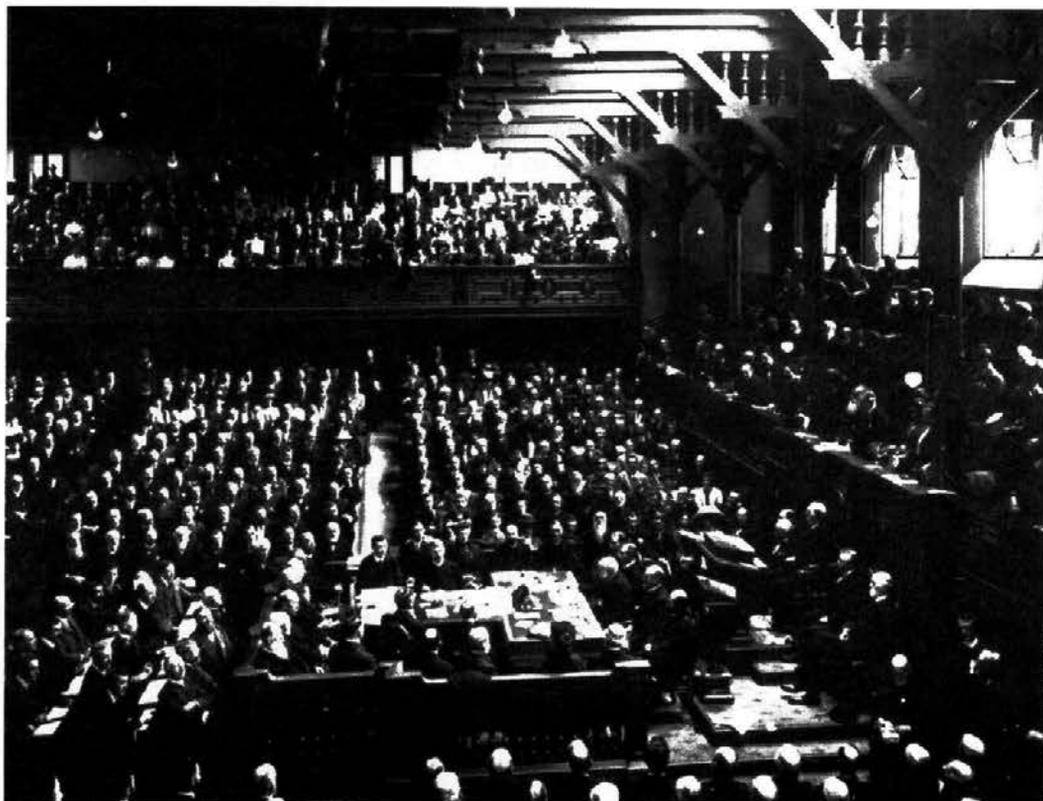
E, via Internet, podemos saber de todas as destruições ambientais no mundo, de todas as atrocidades contra crianças e mulheres, da quantidade de excluídos dos bens culturais e sociais, de toda a corrupção política, de todas as impunidades e da infundável ganância dos poucos que, absolutamente, não se importam com os muitos que fazem parte do seu espólio de acumulação e poder.

Há somente um consolo: tampouco os mandarins plutocratas serão poupados da destruição da natureza. Já posso imaginar que, num futuro próximo, os últimos ricos sentarão na varanda de suas luxuosas casas de campo, com suas máscaras de gás encobrindo seus rostos diplomáticos, e sorverão de garrafas folheadas a ouro, com auxílio de canudos, as últimas gotas de água potável. (KURZ, Roberto — O programa suicida da economia — in *Folha de São Paulo* — 2 de junho de 1966, *Caderno Mais*, p.13.)

A Babel começa a desmoronar mais uma vez. Ou nos salvamos todos ou ninguém se salva. Ou resgatamos a nossa humanidade quase perdida ou só nos resta ir mesmo para o... BELELÉU!

Paulo Botas, doutor em filosofia, teólogo católico, integrante da equipe de KOINONIA.

Plenário da
1ª Conferência
Mundial sobre Missão,
realizada em
Edimburgo, Escócia,
em 1910. Segundo
K.S. Latourette esta
conferência inaugurou
“um novo sentido de
fraternidade entre os
cristãos”



Conselho Mundial de Igrejas

EVANGELHO E CULTURA: TENSÕES E DESAFIOS EM SALVADOR

Zwinglio Dias

Na esteira dos grandes encontros missionários que começaram em Edimburgo (Escócia) em 1910, se realizará no final de novembro deste ano, em Salvador, Bahia, a 11ª Conferência Mundial sobre Missão e

Evangelização. Durante este período de quase um século as igrejas comprometidas com o movimento ecumênico foram, de conferência em conferência, consolidando uma visão teológica comum sobre o sentido e o conteúdo do imperativo missionário

oriundo do Evangelho. Ao mesmo tempo desenvolviam uma perspectiva de unidade visível em obediência ao desejo de Cristo, portanto, em favor da unidade e da renovação de toda a humanidade

O movimento missionário nascido em Edimburgo e preocupado em buscar caminhos de cooperação entre sociedades missionárias para tentar minimizar o escândalo da divisão dos cristãos, ultrapassou rapidamente esses interesses institucionais, imediatos e limitados, tanto das igrejas como de suas sociedades missionárias, para cristalizar-se na afirmação da natureza missionária da Igreja como participante do desejo redentor de Deus (*missio Dei*) de comunicar seu amor a todos os povos.

Esta compreensão ecumênica do imperativo missionário significou, dentre outras coisas, preencher a agenda das igrejas com os temas candentes que afetam, interna e externamente, a vida das pessoas em qualquer parte do mundo. Assim questões como o empobrecimento crescente de dois terços da humanidade, a discriminação contra minorias, contra as mulheres e crianças, o diálogo com outras tradições religiosas, a busca de um estilo de vida possível de ser partilhado por todos, passaram a fazer parte do cotidiano programático das igrejas ecumenicamente comprometidas. O Reino de justiça, paz, integridade e verdade para todos e entre todos, anunciado por Jesus, exige das igrejas esta agenda de compromissos.

Assim, o diálogo intereclesialístico, nascido das urgências e carências percebidas nos campos missionários, colocou grande parte das igrejas na estrada da unidade e do serviço à humanidade em nome do testemunho do Reino de Deus. Tanto as conferências missionárias como as estruturas ecumênicas que se foram gestando concomitantemente até se fundirem num único organismo, o Conselho Mundial de Igrejas, levaram as igrejas à percepção de que o engajamento e a compreensão da tarefa missionária só podem se dar, do ponto de vista do Evangelho, por uma concepção dinâmica da Igreja enquanto imersa no processo histórico da humanidade, envolvida nos sofrimentos,

lutas, realizações e alegrias do ser humano. A vivência de tal processo incarnacional por parte das igrejas impõe necessariamente uma reformulação contínua da concepção de missão, ao mesmo tempo em que relativiza suas formas históricas permitindo-lhes reconhecer o quanto se devem umas às outras.

ECUMENISMO E MISSÃO

Neste longo processo de mútua cooperação e busca comum da unidade cristã tanto o imperativo missionário quanto o mandamento da unidade passaram a se interpenetrar dinamicamente e tensionalmente. Com propriedade o teólogo ganhês John Pobee afirma que missão e ecumenismo "estão inextricavelmente ligados" como se vê na vida do Conselho Mundial de Igrejas. Na verdade o CMI é apenas uma expressão e instrumento do movimento ecumênico; mas seu apelo às igrejas ao redor do mundo para a construção de sua unidade visível, como um imperativo do Evangelho, é a confirmação de que ecumenismo e missão não podem ser separados(...). O próprio auto-entendimento do CMI, como estabelecido em sua Constituição, também especifica que uma das razões de sua existência é "para facilitar o *testemunho comum* das Igrejas em cada um e em todos os lugares; para apoiar as igrejas em sua tarefa missionária e evangelística a nível mundial". Ou como assinalou na mesma perspectiva o rev. Emilio Castro, ex-secretário geral do CMI: "Ao verdadeiro ecumenismo pertence a consciência de ser parte do movimento missionário do próprio ser de Deus, o qual na plenitude dos tempos enviou seu Filho para nos redimir e enviou o Espírito Santo para reunir um povo para ser o portador da vontade libertadora de Deus em Jesus Cristo."

A partir desta visão ecumênica do papel da Igreja no interior da sociedade humana, o debate sobre as relações entre Evangelho e Cultura se torna de renovada urgência neste fi-

nal de século uma vez que ele se ocupa não tanto da sobrevivência e da expansão das instituições eclesiais mas tem a ver com a transformação de pessoas e sociedades, num tempo marcado pela fragmentação desumanizadora que não respeita a dignidade humana nem de indivíduos nem de povos inteiros.

DE VANCOUVER A SALVADOR

As conferências missionárias até aqui realizadas, tocadas pela urgência da busca da unidade dos cristãos espalhados pela *oikoumene*, defrontaram-se com os mais diferentes temas que caracterizavam seus respectivos momentos históricos e contextuais até chegarem ao tema candente de Salvador, Bahia: *Chamados a uma mesma esperança: o Evangelho em diversas culturas*. A estreita conexão entre Missão e Ecumenismo há muito que assinalava a necessidade da abordagem direta da relação entre Evangelho e Cultura. Trata-se de uma temática presente de forma ininterrupta e inescapável na vida da Igreja Cristã em todos os tempos, e que começa nas páginas do Antigo Testamento, alcança um momento de exaltação no evento de Pentecostes e é ponto alto nas relações entre cristãos judeus e gentios preenchendo as agendas reflexivas dos apóstolos, notadamente Pedro e especialmente Paulo.

Já na Conferência Missionária de Jerusalém, em 1928, a pergunta pela identidade cristã em contextos étnicos, nacionais e culturais diferentes reinaugurou o debate acerca das expressões culturais do Evangelho e ganhou lugar cativo na agenda ecumênica desde então.

Particularmente na Conferência de Willingen, em 1952, graças à contribuição de três importantes missiologistas, Hoekendijk, Walter Freytag e Max Warren, o eixo da reflexão missiológica centrada nos interesses das igrejas como agentes missionários foi deslocado para a afirmação da irrupção do Reino no mundo, o que gerou uma nova interpretação da

missão da Igreja como a resposta dos cristãos ao que Deus tinha feito e continuava fazendo no mundo. Nessa nova perspectiva proposta pela Conferência de Willingen, o conceito de *Missio Dei* ganhou força. A Igreja é parte do Reino de Deus que já se encontra em ação antes mesmo do seu surgimento histórico.

Os questionamentos que começaram a ser levantados em Jerusalém vão continuar repercutindo no interior do movimento ecumênico até se expressarem de forma inequívoca na Conferência Mundial de Missão e Evangelismo realizada em Bangcoc em 1973. Segundo James Scherer, missiologista luterano norte-americano, a Conferência de Bangcoc pode ser considerada como o ponto de partida das discussões conciliares quanto à relação entre o Evangelho e as Culturas. Diz ele: "Bangcoc afirmou, com ousadia, que a identidade cultural era uma 'questão de vida ou morte', envolvendo a relação entre Cristo como o portador da salvação e a pessoa ou o grupo que a recebia". Deplorando o racismo branco como traição ao Evangelho e condenando a alienação missionária, Bangcoc afirmou o seguinte: "O problema da identidade pessoal está intimamente relacionada com o problema da identidade cultural. A cultura dá forma à voz humana que responde à voz de Cristo (...)".

Mas vai ser na 7ª Assembléia do CMI em Vancouver que o movimento ecumênico representado no CMI vai se mostrar mais consciente, decidido e aberto para assumir o fato de que a questão fundamental não é tanto a relação estática entre Cristo e Culturas, mas sim, como confessar a Cristo nas diversas culturas. Ao fazer esta constatação o teólogo indiano Wesley Ariarajah acrescenta que, "gradualmente, a problemática de Evangelho e Cultura dentro do movimento ecumênico foi avançando, deixando de ser um problema conceitual e prático relativo às questões da missão ou uma arena de encontro

das tradições teológicas que buscavam sua inspiração nos diferentes contextos e culturas. Na verdade, o movimento ecumênico tornou-se (...) um 'diálogo de culturas'".

NOVA AGENDA ECUMÊNICA

Vancouver constatou as dificuldades inerentes a esse diálogo que se desenhava no horizonte ecumênico como resultado de um novo entendimento do significado do Evangelho, da natureza da Igreja e do mandato missionário. Reconhecendo a existência de uma busca intensa de novas expressões da fé em situações culturais concretas, o capítulo do relatório final intitulado "Testemunhando num mundo dividido" concluiu que se tornava urgente repensar a relação Evangelho-Cultura em função do fato de que dentro do movimento ecumênico se percebia uma compreensão mais profunda do significado, da função e da pluralidade das culturas; notava-se um entendimento melhor das formas pelas quais o Evangelho interagiu com as diferentes culturas; e se tornava evidente o conjunto de problemas provocados pela empresa missionária ocidental que ignorou as características das culturas receptoras e identificou-se com os processos de expansão colonial do Ocidente. Com isso Vancouver estabeleceu uma nova agenda ecumênica para o CMI, na qual as questões relativas à relação Evangelho e Cultura ganharam proeminência e máxima relevância.

Eventos polêmicos ocorridos na assembléia seguinte do CMI, em Camberra, Austrália, em 1991, como a apresentação da teóloga coreana Chung Hyun Kyung sobre o tema da Assembléia ("Vem Espírito Santo — renova toda a criação"), fazendo uso de canções e danças e invocando os espíritos de sua cultura ancestral, o que levantou uma onda de protesto por parte de muitos representantes eclesiásticos, especialmente os ortodoxos, ao mesmo tempo que arrancou aplausos de outros, evidencia-

O empobrecimento crescente de dois terços da humanidade, a discriminação contra minorias, contra as mulheres e crianças, o diálogo com outras tradições religiosas, passaram a fazer parte do cotidiano programático das igrejas ecumenicamente comprometidas

ram a urgência de um tratamento em profundidade do tema Evangelho e Culturas. Em um dos relatórios finais da Assembléia de Camberra o CMI mostrou sua disposição de levar à prática a nova agenda ecumênica quando afirmou: "O Evangelho de Jesus Cristo deve encarnar-se em toda cultura. Quando o Cristianismo penetra em qualquer cultura dá-se um encontro mútuo envolvendo tanto a crítica da cultura pelo Evangelho como a possibilidade da cultura questionar nossa compreensão do Evangelho. Algumas das formas pelas quais o Evangelho tem sido imposto em culturas particulares se constituem num chamado ao arrependimento e à cura. Em cada caso precisamos nos perguntar: Está a Igreja criando tensões ou está promovendo a reconciliação?".

O resultado direto e concreto desta tomada de consciência foi a criação do processo de estudos sobre Evangelho e Cultura em fins de 1993, com uma duração de três anos e que deveria conduzir à realização de uma conferência mundial sobre missão e evangelismo em novembro e dezembro de 1996. Ao estabelecer esse programa de estudos o Comitê Central do CMI foi taxativo quanto a seus objetivos: "O processo ecumênico de estudo procura entender as implicações de um Evangelho que

A Conferência de Jerusalém, em 1928, preparada pelo Conselho Missionário Internacional, criado em 1921 como resultado da Conferência de Edimburgo, discutia a relação subsidiária entre Missão e igreja e entre as antigas e as novas Igrejas.



Willingen, Alemanha, 1952
Quatro anos após a organização do Conselho Mundial de Igrejas realizou-se a Conferência sobre Missão de Willingen, que marcou época na discussão sobre a relação entre Missão

e Igreja. Nessa conferência a Igreja deixou de ser vista como o ponto de partida e o objetivo da Missão para ser entendida como uma comunidade enviada em Missão em favor do Reino de Deus.



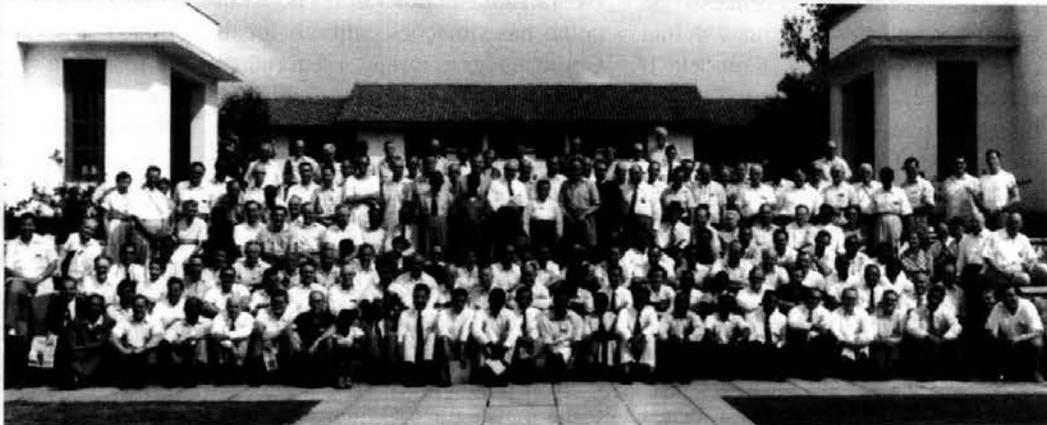
Fotos do Conselho Mundial de Igrejas

Tambaram, Madras,
Índia, 1938

A Conferência de Madras teve como tema "A missão mundial das Igrejas", e contou com grande número de participantes das novas igrejas do hemisfério sul. A relação das Igrejas com as demais religiões foi uma das questões mais discutidas.



Accra, Ghana, 1958
Na Conferência de Accra, a mudança iniciada em Willingen tornou-se mais clara: a Igreja existe para a missão em favor do Reino de Deus; por isso a Missão precisa ser realizada solidariamente entre todas as Igrejas.



San Antonio, Estados Unidos, 1989
A Conferência de San Antonio foi marcada pela consciência de que os "sinais dos tempos" trazem um novo clamor à fé e apresentam novos desafios à missão e ao evangelismo. Das igrejas se espera uma solidariedade comprometida com os que sofrem.



Está a Igreja criando tensões ou está promovendo a reconciliação?

tanto desafia como é desafiado pelas culturas nas quais se encontra, de modo que as igrejas e os cristãos possam viver e testemunhá-lo autenticamente.”

SALVADOR 96

Chamados a uma mesma esperança: O Evangelho em diversas culturas é o tema proposto que emergiu dos primeiros resultados do processo de estudos a que nos referimos acima para essa Conferência. Com ela o CMI está convocando suas igrejas-membros para explorarem conjuntamente as relações entre Evangelho e Culturas no contexto de um mundo cada vez mais dividido pela afirmação crescente de identidades culturais, étnicas, lingüísticas e religiosas e, contraditoriamente, mantido por forças de caráter globalizante como o mercado, e tecnologia, a mídia, etc.

Quatro subtemas estão previstos para estruturar as discussões sobre os diferentes aspectos que o tema geral oferece: a) O testemunho autêntico dentro das culturas; b) O Evangelho e a identidade comunitária; c) Congregações locais em sociedades plurais; d) Um evangelho — diversas expressões.

O primeiro subtema tratará de explorar a questão missiológica da relação do Evangelho com as diferentes culturas. Como o Evangelho critica e transforma aspectos da cultura onde está inserido? Por outro lado, como a cultura ilumina ou trunca a compreensão do Evangelho apresentada pelas igrejas?

O segundo subtema tratará de discutir o papel do Evangelho em sua relação com as dimensões estruturais da cultura. Como o poder do Evangelho liberta as pessoas oprimidas pelos grupos dominantes dentro

de uma determinada cultura? Aqueles que são diferentes, como grupos indígenas, minorias, as mulheres, as crianças, os homossexuais, etc. Ou então podemos pensar na presente emergência de forças globais (o mercado, a mídia, a tecnologia, a modernidade e outras) que destroem culturas tradicionais ou padrões culturais regionais, desestruturando culturalmente milhões de pessoas e manipulando-as pela criação de padrões de consumo desumanizadores. De que modo o Evangelho pode ser descoberto como um poder libertador em tais contextos?

O terceiro subtema tem a ver com o enraizamento dos valores do Evangelho nas situações culturais locais. Como ajudar as igrejas a se tornarem verdadeiramente locais, enraizando suas expressões de fé, seus testemunhos e suas manifestações litúrgicas no solo cultural que lhes é próprio?

Na medida em que as igrejas começam a articular suas expressões de fé em termos das culturas particulares em que se encontram inseridas, a questão da catolicidade e da contextualidade do Evangelho se torna mais aguda. O quarto subtema se ocupará de questões como esta, levantando também os problemas do compartilhar ecumênico da riqueza do Evangelho transculturizado, do sincretismo, da competição evangelística entre diferentes igrejas, da busca dos sinais de autenticidade missionária ecumênica, etc.

QUESTÕES PERTINENTES

O intercâmbio de experiências, idéias e testemunhos entre os cristãos que se reunirão em Salvador para tratar da dinâmica relacional entre Evangelho e Cultura não será nada fácil. Muitos desafios deverão ser enfrentados. Dentre estes desejamos destacar alguns na forma de questões que listaremos abaixo e que, sem dúvida, expressarão a complexidade da indissolúvel relação entre Evangelho e Culturas, magistralmente apresentada na fórmula do autor do Evangelho

de João: “...e o Verbo se fez carne e habitou entre nós...”.

(a) Conseguirá a Conferência ser suficientemente inclusiva a ponto de estabelecer condições para promover a reconciliação entre igrejas e movimentos que, urgidos pelo mandato missionário, até agora se encontram separados por preconceitos de ordem cultural, travestidos de pomposas formulações teológicas?

(b) Acontecendo no Brasil a Conferência terá de tocar o tema do diálogo inter-religioso entre cristãos e as religiões populares (macroecumenismo), secularmente oprimidas e subordinadas pela cultura religiosa (cristã) hegemônica. Se a religião é a substância da cultura e esta a forma da religião, conforme a formulação de Tillich, onde fica e como fica a preconceituosa discussão sobre sincretismo, que sempre pressupôs um Evangelho existindo fora do leito cultural?

(c) A cultura ocidental, captora das velhas igrejas que dominaram a empresa missionária nos últimos três séculos e responsável pelas calamidades do colonialismo, do desastre ecológico e da erosão da dignidade humana da maioria dos povos do planeta, poderá ainda pretender ser portadora quase hegemônica dos valores cristãos? Terá a Conferência condições de assinalar a mudança demográfica no mundo chamado cristão e assumir as conseqüências disso?

Faltando apenas dois anos para celebrar seu cinquentenário, o CMI, na busca de novos paradigmas para direcionar a inflexão de suas igrejas-membros no contexto de um mundo econômica e politicamente globalizado mas culturalmente fragmentado, oferece às igrejas uma oportunidade ímpar para reafirmar sua esperança naquele que prometeu mais vida para todos.

Zwinglio Dias, teólogo protestante, pastor presbiteriano, integra KOINONIA.



Greve geral na Argentina (setembro de 1996) contra o desemprego e o plano econômico do governo

50 ANOS DE HISTÓRIA

Newton Carlos

Um ciclo de conferências, no Centro Cultural Banco do Brasil, RJ, em setembro, sobre os últimos cinquenta anos da América Latina, despertou extraordinário interesse. Temas os mais diversos foram abordados por cientistas sociais, políticos, jornalistas, etc., de vários países. Newton Carlos, que coordenou o seminário, oferece-nos um panorama sobre o evento e destaca questões e desafios que nos interpelam

Na passagem dos anos de 1960 para 1970 o então assessor de segurança nacional dos Estados Unidos, Henry Kissinger, pediu a um grupo de *scholars* que avaliasse a importância da América Latina para a diplomacia americana. O documento produzido, conhecido como Relatório Plank, nome tirado de Joseph Plank, o acadêmico-chefe, concluiu falando de absoluta desimportância. “Não vale uma missa”, decretou o documento. No Brasil, mais tarde, dono de influente publicação disse que “ninguém se interessa pela América Latina”.

Dupla sentença, lá e cá, colocada em xeque pelo ciclo de catorze conferências no Centro Cultural Banco do Brasil, Rio de Janeiro, com o título geral “Da guerrilha à redemocratização”. Foram repassados cinquenta anos de história latino-americana com um público em média diária entre 350 e 400 pessoas. Expressão imbatível de interesse. Os temas tratados mostraram o volume de intervenções dos Estados Unidos em nosso continente, no pró-segunda guerra, apontando em direção contrária à do Relatório Plank. No mínimo uma missa a América Latina de-

DESIGUALDADES NAS AMÉRICAS – OS DADOS FALAM

Para se ter uma idéia da distância entre pobres e ricos, o habitante médio dos Estados Unidos é cem vezes mais rico que o habitante médio de alguns países da América Latina.

No aspecto econômico situam-se as maiores e colossais diferenças. Estados Unidos e Canadá detêm 81% do Produto Interno Bruto (PIB) da região. Argentina, Brasil e México, juntos, são responsáveis por 11%, enquanto os restantes 29 países somam 8%.

O PIB do Canadá, em 1994, foi de US\$ 542 bilhões, com uma entrada per capita de US\$ 19,51 mil, e dos Estados Unidos correspondeu a US\$ 6,648 trilhões, com uma entrada de US\$ 25,88 mil.

Na Bolívia, no mesmo período, o PIB foi de US\$ 5,5 bilhões, com uma entrada per capita de US\$ 700. Outros países apresentam indicadores ainda menores, como Guiana, com US\$ 438 milhões e com uma entrada per capita de US\$ 530. Em média, o PIB latino-americano e do Caribe chega a US\$ 1,624 trilhão, enquanto o dos Estados Unidos e Canadá, juntos, equivalem a US\$ 8,748 trilhões. Isso significa dizer que os dois países possuem uma renda sete vezes maior que os 32 restantes.

Cada cidadão do Canadá e dos Estados Unidos consome 1.750 metros cúbicos de água por ano, enquanto na Jamaica e Trinidad y Tobago esse número alcança 125 metros cúbicos. Na Bolívia, Costa Rica, Equador, El Salvador, Guatemala, Haiti, Honduras, Nicarágua, Panamá, Paraguai e República Dominicana o consumo per capita não supera os 300 metros cúbicos ao ano.

Fonte: Boletim Informe (nº 341 – set/96), do CEDOIN, Bolívia.



Carlos Carvalho

D. Pedro Casaldáliga tem-se constituído, na Igreja Católica, em um símbolo de compromisso com a causa da justiça e da valorização das diversas culturas da América Latina

Nos últimos cinquenta anos a história da América Latina registrou fortes turbulências e mudanças profundas que pouco ou quase nada têm a ver com a tradição golpista do passado

via valer, a julgar pelo que foi dito por especialistas, professores, políticos, jornalistas e testemunhas da nossa história latino-americana.

Gente do Brasil, Argentina, Chile, Peru, Bolívia, Nicarágua, El Salvador, México e Guatemala. O temário cobriu os últimos cinquenta anos, a partir da ascensão dos Estados Unidos à condição de potência planetária e o que isso representou nas suas relações com a América Latina, colocada na geografia da Guerra Fria. Tratou-se de tudo, passando por guerrilha, narcoterrorismo, estados

de segurança nacional, papel da Igreja, globalização, redemocratização, etc.

A revolução popular e nacionalista de 1952, na Bolívia, por exemplo, foi na época o mais importante acontecimento do gênero no continente desde a revolução mexicana de 1910. A Guerra Fria mal começava e os Estados Unidos se viram diante de fato incomum: a derrota pelas armas de um *establishment* político e militar na América Latina e os sindicatos como tropa de choque de tomada do poder. Era preciso lembrá-la. Também a via chilena para o socialismo, o que significou o triunfo de Allende no Chile e qual era o seu projeto político, a partir da nacionalização da maior riqueza do país, o cobre. O golpe contra Allende e a etapa posterior, o pinochetismo.

Hoje a Bolívia é um dos mais longos experimentos do Consenso de Washington, outro tema. Explicou-se como foi armada a matriz das políticas neoliberais para a América Latina. Existe ou não o Consenso de

Washington? Claro que sim. O jornalista Guy de Almeida percorreu os caminhos da integração, a partir das primeiras tentativas, do que é o papel do Brasil. O cientista político mexicano Jorge Castañeda abriu o ciclo jogando em campo a convicção de que as desigualdades sociais podem afundar o que se conseguiu até agora em redemocratização.

Não há convivência possível entre injustiças e democracia. O ex-presidente Raul Alfonsín, da Argentina, condutor do primeiro processo de transição democrática dos anos de 1980, procurou deixar claro que é preciso encontrar modelos menos cruéis de "estabilização" econômica. O professor José Luis Fiori "dissecou" o Consenso de Washington. Luis Maira, ex-militante da Unidade Popular de Salvador Allende, hoje ministro do Planejamento do Chile, lembrou a tragédia allendista. Rubem Zamora, de El Salvador, destacou que a paz não é apenas o abandono das armas. Também depende da atenção às necessidades populares.

PASSADO, PRESENTE E PROJEÇÕES PARA O FUTURO

Nos últimos cinquenta anos a história da América Latina registrou for-

tes turbulências e mudanças profundas. Pouco ou nada a ver com a tradição golpista do passado. Os próprios ditadores militares, na palavra de Gabriel Garcia Marquez, as únicas figuras míticas produzidas pelo nosso continente, trocaram de cara. Esvaziaram-se a feição pessoal e incidência localizada e as ditaduras se transformaram em partes da imensa engrenagem da Guerra Fria, de repressão anticomunista, os estados de segurança nacional.

O próprio Pinochet, apesar do forte personalismo, foi a face mais visível de operação para acabar com a primeira experiência latino-americana de chegada do socialismo ao poder por meio do voto e de introdução no Continente das políticas econômicas neoliberais. Com toda a razão o golpe no Chile provocou comoção mundial, tanto quanto a revolução cubana e os fatos relacionados com ela, e a tomada do poder pelos sandinistas na Nicarágua, impulsionando a guerrilha de El Salvador e levando os Estados Unidos a intervir maciçamente na América Central.

Mas os últimos cinquenta anos de história da América Latina têm muito mais: a revolução de 1952 na Bolívia; o golpe de 1954 na Guatemala;

a opção da Igreja Católica pelos pobres; populismo militar; esforços de integração; crise da dívida externa; década perdida; guerrilhas com "rosto diferente", como a do Sendero Luminoso; e dificuldades de redemocratização. Boa parte desses acontecimentos, que em suas épocas mobilizaram a opinião pública continental, parece perdida na poeira do tempo. A idéia foi resgatá-la e se possível saber que lições podem ser tiradas para o futuro.

A DIFÍCIL AGENDA

Redemocratização nos anos de 1980, crise da dívida externa, década perdida, democracias pobres sem condições de enfrentar os altos custos da dívida social, "ajustes estruturais", em geral segundo modelos de instituições financeiras internacionais, empobrecimento ainda maior, reações populares, esforços de integração, globalização — a difícil agenda da América Latina a caminho do terceiro milênio.

Newton Carlos, jornalista especialista em política internacional.

Fim ou começo? O ano 2000 está chegando...

Estamos às portas do ano 2000. Novo século, novo milênio. São muitos os desafios e os sonhos que envolvem os diversos grupos e movimentos sociais. Com o movimento ecumênico e as igrejas não é diferente!

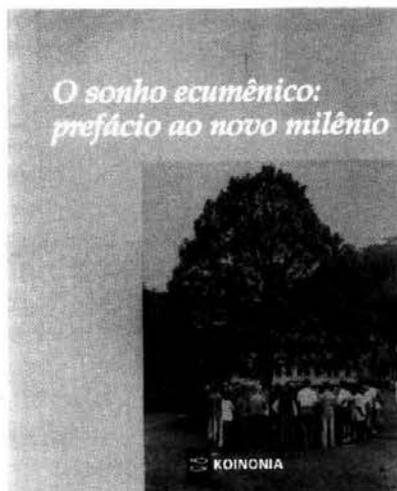
Para quem se interessa por este tema, é fundamental ter em mãos o livro *O sonho ecumênico: prefácio ao novo milênio*, editado por KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço, que elenca as questões teológicas, pastorais e sociais mais emergentes para as igrejas e para os cristãos no Brasil neste final de século e de milênio. Aproveite a promoção de KOINONIA: adquira já o livro por apenas R\$ 12,00 (incluídas as despesas postais). Para isso, envie cheque nominal ou cópia de recibo de depósito bancário (Banco Bradesco, agência 1745-0 Cosme Velho/RJ, conta corrente 15245-5) ou de vale postal.

Desconto de 20% para a compra de mais de um exemplar.

KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço

Rua Santo Amaro, 129, Glória 22211-230 Rio de Janeiro RJ

Tel: (021) 224-6713 Fax: (021) 221-3016



ULTRAPASSANDO FRONTEIRAS

ECUMENISMO NO EVANGELHO DE MARCOS

José Adriano Filho

Várias interpretações têm sido propostas para o relato de Marcos (7.24-30), um texto no qual uma mulher que pede ajuda para a filha doente é rudemente rejeitada com as seguintes palavras: “Deixa primeiro que se fartem os filhos, porque não é bom tomar o pão dos filhos e lançá-lo aos cachorrinhos”. Segundo alguns intérpretes, a resposta indica um momento de humor de Jesus, ou, então, um teste de fé. Segundo outros, trata-se de um elemento do simbolismo histórico-salvífico, ou seja, a abertura da Igreja à gentilidade.

O fato de que na interpretação dos evangelhos quase sempre partimos do momento que Jesus vivia, dos seus milagres, enfim, do que ele fez, buscando nele um modelo, faz com que estas interpretações não considerem suficientemente a rejeição da parte de Jesus ao pedido da mulher. Em tais interpretações a resposta de Jesus perde a ofensividade e permanece a dificuldade de responder como alguém poderia recusar um pedido pela cura de uma criança com tal afirmação. Mateus percebeu essa dificuldade e o seu uso da palavra “cachorrinhos” refere-se claramente aos gentios: “Não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel” (15.24).

É preciso considerar a situação específica que levou a comunidade marcosiana a retomar e interpretar esta memória da atuação de Jesus na

sua própria situação para que possamos compreender a sua resposta àquela mulher. Na verdade, estamos diante de uma narrativa que mostra a ideologia da inclusão/abrangência, a pedra angular da nova ordem social que está sendo construída por Jesus — esta afirmação, em parte coincide com a interpretação que vê este texto como a abertura da Igreja aos gentios. Por essa razão, alguns elementos fundamentais para a compreensão dessa narrativa serão considerados em seguida.

Não é bom tomar o pão dos filhos e lançá-lo aos cachorrinhos

A compreensão da narrativa pressupõe, em primeiro lugar, a procura por um contexto cultural. A resposta de Jesus pode ser entendida se temos em mente a situação da região na qual a história é localizada: Tiro, a região mais ao norte na narrativa marcosiana. Isso coloca a necessidade de considerar as relações entre os judeus e os gentios na fronteira entre Tiro e a Galiléia: as relações étnicas, o *status* social e a cultura helenística, as condições econômicas e as relações políticas e sociopsicológicas.

Jesus, que na narrativa anterior acabara de travar uma longa discussão com os fariseus, “entrou em uma casa e não queria que ninguém soubesse”. A tentativa de ficar sozinho fracassa devido à interrupção feita pela mulher que cai a seus pés supli-

cando a cura da filha. O texto acrescenta: “era uma mulher grega, sirofenícia”. Trata-se de um arquétipo marcosiano representativo das populações helenizadas daquela região.

Naquele contexto, mulher alguma, principalmente gentia, desconhecida e não relacionada com Jesus, ousaria invadir a sua privacidade em casa para pedir um favor. Diversamente da aproximação de Jairo (5.21-24), o seu pedido é afronta ao *status* de honra de Jesus. Assim, a recusa de Jesus não só era compreensível, mas até esperada: chamar alguém de cachorro era um insulto (1 Samuel 17.43; Isaías 56.10-11; Apocalipse 22.15). Às vezes, a literatura judaica descreve os gentios como cães, referindo-se geralmente a seus vícios: “Quem come com ídólatra é quem come com um cão” (Rabi Eliezer). A citação desse insulto tradicional dramatiza o encontro: a narrativa de Marcos adota e reflete a hostilidade étnica, cultural e sociopolítica existente entre os judeus e os seus vizinhos gentios.

Os cachorrinhos, debaixo da mesa, comem da migalhas das crianças

Em segundo lugar, precisamos considerar atentamente a resposta daquela mãe a Jesus. O fato de ser uma mulher que deseja conversar sobre o assunto aprofunda a afronta dirigida a Jesus. Entretanto, é a sua resposta “mas os cachorrinhos, debaixo da



Vanda Freitas

mesa, comem das migalhas das crianças” que dá o cunho peculiar da narrativa. Ela faz algo tão maravilhoso como o próprio milagre: pega e reestrutura a imagem “cachorrinho” de tal forma que permite uma nova perspectiva da situação. Como ela faz essa reestruturação? Por um lado, por trás da aguda recusa, vê uma atitude positiva para a criança naquela imagem, por outro, dá um valor positivo à palavra “cachorrinho” e crê que, a despeito da recusa, Jesus ajudará a sua filha.

Nesse sentido, ela reivindica o “direito” do seu povo ao poder libertador do ministério de cura de Jesus. Considerando esse comportamento tido como vergonhoso e o caráter gentílico da mulher, é chocante que Jesus consinta em discutir com ela, dizendo: “o demônio deixou a tua filha”. Além do mais, concede o que ela pede, não por causa de sua fé, e sim por causa do seu argumento: “Por causa dessa palavra, podes ir; o demônio já deixou a tua filha”. Jesus deixa-se corrigir, consente em ser atingido pela “vergonha” a fim de incluir essa mulher gentia na nova comunidade do Reino: os grupos religiosos que estão se fechando terão que suportar a indignidade de redefinir as suas fronteiras de grupo a fim de compreender que as pessoas de outras nações e de outros grupos sociais e religiosos devem ser acolhidas como iguais.

Na mesa se decide o que é puro e impuro

Vale ressaltar ainda que o problema do pão (alimentação) está presente neste texto de forma bastante séria. Marcos (7.24-30) se localiza entre a primeira multiplicação dos pães (em território judeu — 6.30-44) e a segunda (em território gentio — 8.1-10). Em Marcos a palavra pão está sempre associada a fartar-se. Jesus ordena que dêem algo de comer à filha de Jairo (5.43). Na primeira multiplicação Jesus instrui a seus discípulos dizendo-lhes que dêem à multidão algo para comer (6.35,37). De modo similar, Jesus diz à mulher que é preciso “primeiro os filhos se fartarem” (v.27). Em 6.42 “todos comem e ficam satisfeitos”. Marcos prepara o caminho para o atendimento do pedido da mulher siro-fenícia: a alimentação e a satisfação dos gentios que realmente em breve ocorrerá (8.4-10,14-17). Marcos 7.24-30 pertence ao contexto redacional das alimentações sucessivas de “crianças” e “cachorros”, “judeus” e “gentios”, sendo precedido imediatamente pelo relato acerca do que é puro e impuro (Marcos 7.1-23).

A cura da filha da mulher siro-fenícia sugere que o Reino de Deus raiou entre os gentios. Isso é confirmado pela narrativa de cura seguinte (7.31-37). Jesus está diante de um homem incapaz de falar, trazido por desconhecidos que lhe suplicam impor as mãos sobre o homem. Neste relato, o código de pureza é posto de lado, a cura ocorre e, apesar das advertências de Jesus em contrário, as multidões anônimas começam a pregar. O significado deste relato liga-se à narrativa mais ampla do evangelho, em que ocupa lugar estratégico. É a cura final numa série de quatro nesta seção e a última na primeira metade do evangelho. Ao mesmo



tempo, é a primeira de outra série de quatro que articula o tema da “cegueira/surdez”. Ele também antecipa a ambigüidade do epílogo da primeira parte do evangelho de Marcos (1.1-8.26), com bastante ironia: Jesus, que fez um gentio ouvir, não consegue fazer o mesmo com os seus discípulos (Marcos 8.18)!

A comunidade marcosiana reconta essa história porque essa era uma questão fundamental para ela. Dessa maneira, Marcos 7.24-30 reveste-se de grande significado. Seu contexto cultural indica que o milagre narrado não consiste somente na cura de alguém que estava tão longe, mas também na ruptura e superação dos preconceitos baseados nas relações socioeconômicas, étnicas, culturais e políticas que separavam povos e culturas. (Para o leitor moderno é difícil perceber que, juntamente com o demônio que estava na menina, foi também expulso o demônio do preconceito que igualmente ameaça as pessoas de diferentes nações e culturas.)

Outro aspecto que este texto apresenta está na resposta da mulher

siro-fenícia a Jesus. Jesus aceita-lhe a resposta, deixa-se corrigir, consentindo em ser atingido pela “vergonha” a fim de incluí-la na nova comunidade do Reino: a dinâmica social de *status* e de honra daquela época é abandonada, cedendo lugar aos judeus marginalizados e aos gentios considerados estranhos. Finalmente, como um relato que pertence ao contexto narrativo da distribuição de alimento no deserto, elemento culminante na justificação de Marcos da comunidade ecumênica, indica que é na mesa, lugar de comunhão, onde se decide o que é puro e impuro, portanto, onde termina a inclusão ou a exclusão das pessoas.

Estas curas, bem como outras citadas no contexto imediato, indicam a habilidade de Marcos em usar a ação narrativa para ilustrar a ideologia da inclusão/abrangência, que constitui a pedra angular da nova ordem social que está sendo construída por Jesus. Precisamos sentar hoje a uma mesa comum, reivindicando e respeitando a diferença e o direito à diferença. No contexto atual, o neoliberalismo reivindica a diferença, mas como uma forma de acentuar a exclusão das pessoas. A diferença deve ser reivindicada não como ignorância — considerando o outro inferior. Nesta situação não temos uma relação entre iguais. É necessário reivindicar a igualdade entre diferentes — as diferenças como uma contribuição para a construção humana —, acreditando na construção de uma nova lógica em relação ao poder. Neste sentido, a narrativa de Marcos ilumina hoje o nosso caminho.

José Adriano Filho, presbiteriano, é doutorando em Ciências da Religião e integra a equipe de KOINONIA.

NAS VEREDAS DA NOSSA CULTURA

Rafael Soares de Oliveira

CARNE DO SAGRADO – EDUN ARA:
DEVANEIOS SOBRE A
ESPIRITUALIDADE DOS ORIXÁS
Paulo Botas
Vozes/Koinonia, Rio de Janeiro, 1996
13,5x21 cm, 96 p.

“Esse livro é um ebó”. O que você acharia de um livro que na apresentação e na última capa contém essa afirmação? É uma proposição que salta aos olhos logo na primeira aproximação do livro. Ao que parece está propondo de saída ou um susto ou um salto...

Salto, esse seria o convite mais adequado a fazer ao leitor de *Carne do Sagrado*. E não se trata de nenhum salto no escuro ou entrega, mas simplesmente um gesto ao encontro do outro... Não se impressione, nem torça o nariz, é sobre esse tema em desuso em nossa sociedade que se propõe o autor... Ora, parece um devaneio? Mas quase é: afinal falar de próximo, outro, fraternidade, ruptura de preconceitos para muitos é tema fossilizado e pouco moderno.

O autor desses *Devaneios* transborda em sinais e analogias a vivência que procurou e experimentou no Candomblé. Por isso mesmo tornou-se original, pois assumiu a tarefa de dizer o geralmente indizível, refletir sobre aquilo que o corpo sente e não consegue expressar. É uma obra de diálogo de espiritualidades, o que para muitos beira a sandice.

A visita sem preconceitos às páginas desse livro faz-se como um suave percurso. Onde se é inicialmente preparado para a viagem com uma reflexão sobre o universo africano, sua forma de apreender o mundo passando por alguns aspectos de uma “teologia” africana. Mas como passeio não se perca o leitor na procura de um tratado sobre “africanidades”, deixe-se levar pelo discurso como quem deixa se conduzir no meio da mata por um abridor de picadas, de trilhas de entrada... Assim o discurso sobre Exu — o grande mensageiro e outras coisas mais — ganha sentido. Não se iluda pois todos os sentidos dos orixás apresentados não serão a última palavra sobre o assunto. Serão sim palavras contadas, às vezes cantadas, como quem tenta trazer manifestações dançadas e sentidas para o mundo pequeno das folhas de papel.

A vida hoje, como tempo oportuno — *kairós* — em toda a radicalidade que a vivência do aqui e agora evoca... Talvez seja esse o grande sonho que se deixa revelar por trás das palavras de uma espiritualidade... Do caminho aberto por Ogum, sinal da coragem para abrir novos rumos, arriscar-se em meio



ao desconhecido... E espreitado, escutado e decifrado em suas lacunas de mistério, em seus cheiros, rastros e paragens: caminho compreendido por Oxóssi. Vida hoje é tempo presente, é tempo de justiça e amor que brota em qualquer parte, qualquer escolha, como criação ética incontestável, de dentro do furacão de vento e fogo de Xangô e Oiá... E é também paixão e denúncia de Omolu contra as mazelas e hipocrisias expostas nas feridas dos desprezados e dos que sofrem toda a sorte de proscricção.

Travessia: é por ela que se vai com o livro de Paulo Botas, suas amizades e, certamente, algumas paixões. Um livro de espiritualidade sem ser espiritualista, sobre irracionalidades sem ser irracionalista, sobre o outro sem se perder de vista, enfim: marcado por muitas declarações de amor sem ser romântico... É uma vereda aberta entre tantas para o diálogo entre nós e os nós — ou encruzilhadas — da nossa cultura.

Rafael Soares de Oliveira é psicólogo, coordena o Projeto Egbé de Apoio a Terreiros de Candomblé em Salvador, BA. Integra a equipe KOINONIA.

